

Jean Marc von der Weid

Si vas para Chile



GERAÇÃO 68

Si vas para Chile

Jean Marc von der Weid

Capa e edição: Lorenzo Gabriel Balen

Revisão e preparação: Cecilia Cavalcanti

Organização: Geração 68 - Sempre na luta

Edição digital: Out 2023

Os artigos deste *e-book* foram originalmente publicados em série, no [site](#) do movimento Geração 68 - Sempre na Luta.

É permitida a reprodução, desde que seja citado o autor.

Si vas para Chile

Jean Marc von der Weid



*Os 70 presos políticos trocados
pelo Embaixador suíço, antes do
embarque para o Chile*

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	15
A PARTIDA DOS 70 NO VOO DA LIBERDADE	18
A CHEGADA DOS 70 EM SANTIAGO.....	32
40 DIAS INTENSOS	45
SEM TEMPO PARA MIM	54
O TANCAÇO	63
PROCURANDO A INTEGRAÇÃO NA REVOLUÇÃO CHILENA	69
OS DIAS DO GOLPE	78
O CAMINHO PARA FUGIR DO CHILE.....	90
SANTIAGO, NA PRIMEIRA SEMANA PÓS GOLPE	99
AS FUGAS MAIS DRAMÁTICAS	109
O <i>ALLANAMIENTO</i> DAS TORRES SAN BORJA	121
O HOMEM DA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL	132
BUENOS AIRES.....	142
AS MARCAS DE UMA EXTRAORDINÁRIA EXPERIÊNCIA DE VIDA E DE MILITÂNCIA	148

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



APRESENTAÇÃO

Sobre o grupo *Viva Chile!*

No ano de 2023 faz 50 anos do golpe de estado no Chile que levou Pinochet ao poder até 1990 quando se deu a restauração da democracia. Para participar dos eventos que a população chilena realiza para não mais esquecer o horror ocorrido, um grupo de brasileiros ex-exilados no Chile, a partir de ideia de Ricardo de Azevedo, tirou um manifesto, reproduzido a seguir, e se propôs a realizar uma viagem a Santiago para cumprir com um programa que tivesse o objetivo de agradecer ao povo Chileno a hospitalidade recebida e se solidarizar com a luta pela democracia.

Assim, foi criado um grupo no WhatsApp denominado Viva Chile! que, sem direção ou coordenação, e tempo de duração definido, reuniu cerca de 300 exiladas e exilados e descendentes.

Este grupo além de discutir o programa em Santiago entre os dias 9 e 13 de setembro, serviu de espaço de reencontros, lembranças e de memórias, onde vários ali expuseram o que viveram e passaram. Era um grupo político no sentido de que tinha como objetivo denunciar a ditadura de Pinochet, mas não discutir políticas partidárias. Todos os que estiveram exilados em algum momento no Chile puderam participar. As memórias expostas passaram a ganhar importância, pois, não sendo meras repetições do passado, já que implicam “um processo criativo e construtivo do passado”, como observa Cassirer¹, e trouxeram uma nova dinâmica interna no coletivo.

Participante desde o início desde grupo, Jean-Marc passou a escrever em capítulos a sua vivência durante o golpe e a sua participação nas atividades de ajudar pessoas alcançarem lugares seguros, sendo ele mesmo um perseguido no Chile. Por questões pessoais, Jean acabou não podendo acompanhar a delegação de 147 companheiros e companheiras que se deslocaram a Santiago e cumpriram um exaustivo e gratificante programa.

Para além do jantar de confraternização dos participantes do grupo Viva Chile! que serviu para reencontros e consagração,

¹ Ernest Cassirer, *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia humana*, São Paulo, Martins Fontes, 1994)

foram visitados coletivamente, entre outras presenças, o *Museo de la Memória y los Derechos Humanos* e a abertura da exposição de fotos de Evandro Teixeira sobre o golpe no Brasil e no Chile, que contou com a presença do próprio Evandro e dos ministros Flávio Dino, da Justiça, Silvio Almeida, dos Direitos Humanos e Cidadania, e do Embaixador do Brasil em Santiago, Paulo Roberto Soares Pacheco. Visitou-se a casa que o Theotônio dos Santos cedeu à embaixada do Panamá logo após o golpe para abrigar refugiados, e depois, recuperada por Pinochet, tornou-se um centro de tortura, e hoje é a Casa de Memória José Domingo Cañas; visitou-se o *Centro de Memória Estádio Nacional*; o Estádio do Chile e o *Palácio de la Moneda*. As mulheres participaram da comovente manifestação *Nunca +*, organizada por diversas associações de mulheres chilenas.

O grupo Viva Chile! durante a programação, propôs ao governo brasileiro e à prefeitura da Santiago, uma homenagem aos brasileiros assassinados ou desaparecidos durante o golpe, reprimidos com a conivência da embaixada do Brasil, através de uma placa na *Plaza Brasil* e outra na Embaixada.

A cerimônia organizada pela prefeitura e pela Embaixada do Brasil em Santiago, aconteceu no dia 12 de setembro de 2023 e foi dirigida pela prefeita de Santiago, com a na presença dos ministros brasileiros e do embaixador brasileiro que leu nota confirmando cumplicidade do governo brasileiro da ditadura

militar à repressão no Chile pós 1973. Placa idêntica em português foi entregue ao embaixador e será instalada na embaixada em Santiago, atualmente em obras. O grupo Viva Chile! homenageou o presidente Salvador Allende com uma coroa de flores depositada junto à sua estátua na *Plaza de la Constitución* junto ao *Palácio de la Moneda*.

MANIFESTO VIVA CHILE!

Milhares de brasileiros se refugiaram no Chile durante o período de ditadura militar no Brasil, nos anos 1960 e principalmente, no início dos anos 1970. Por algum tempo desfrutaram de paz, liberdade e puderam tocar suas vidas e seus sonhos.

Após o golpe militar fascista de Pinochet, passaram a ser considerados indesejados, perseguidos, presos, expulsos do país e até mesmo assassinados pela ditadura, como foi o caso de Jane Vanini, Luiz Carlos de Almeida, Nelson de Souza Khol, Túlio Quintiliano Cardoso, Wânio José de Matos, assim como Nilton Rosa da Silva assassinado em junho de 73 por fascistas no centro de Santiago.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



Passados 50 anos do golpe, o Chile vive hoje novos momentos de paz, democracia e progresso.

Nós, alguns dos muitos acolhidos pelo Chile e seu povo, nós que ali enfrentamos momentos de terror, mas onde igualmente vivemos momentos de grande alegria, não somos indiferentes ao futuro desse país amigo.

Nesse sentido, não podemos deixar de nos manifestar condenando mais uma vez a ditadura pinochetista e nos regozijando com a volta da democracia.

Que volte a ser sempre, como diz seu hino: o asilo contra a opressão.

Viva Chile!

*Brasil, setembro de 2023.
Assinam 482 ex-exilados brasileiros no Chile.*

PREFÁCIO

De memória nos fazemos.
(Violante Saramago Matos)

Jean, um marco de solidariedade

O que vemos a seguir é o Jean escrevendo sobre o Jean, sendo o Jean. E assim procedendo nos traz um testemunho precioso de um período da geração 68 que viveu a ditadura brasileira, enfrentando-a das mais diversas maneiras. Fomos presos, torturados, desaparecidos, banidos e exilados. E ao mesmo tempo vivemos intensamente, consciente ou inconscientemente, as transformações políticas e culturais que o mundo atravessava. Para além da ação concreta, da solidariedade prática, Jean, que escreve e fala como poucos, aponta os caminhos em que nos metemos e as encruzilhadas nas quais nos separamos muitas vezes. Luta armada ou luta de massas, guerra de guerrilha ou guerra popular prolongada? Partido ou movimento? Regressar ao Brasil ou reforçar a propaganda contra a ditadura no exterior? Socialismo ou luta contra a ditadura?

Mesmo antes do exílio, Jean já tinha um papel de protagonista dessa geração, tendo sido liderança no movimento estudantil que o elegeu presidente da UNE em 1969, em plena ditadura, no conflituoso congresso pós as prisões de Ibiúna em 68. Militante da AP – Ação Popular, foi preso e banido do país, saiu trocado pelo embaixador suíço (ele também de nacionalidade suíça) em 1970, com outros 69 companheiros e companheiras. Mas foram suas ações de solidariedade aos companheiros perseguidos quando a repressão de Pinochet se abateu no Chile em 1973, que a sua atuação cresceu em importância e foi reconhecida internacionalmente. O texto aqui apresentado relata, entre outras passagens, através da memória de Jean, este momento de sua vida. E o depoimento tem dimensão coletiva, pois, a memória é um ato social e político, mesmo quando parece experiência individual realizada no presente, o que não lhe furta a condição de referir-se ao passado que o próprio discurso textual traz ao presente.

Pessoalmente eu nunca fui beneficiado pelas eficientes manobras do Jean para pôr a salvo companheiros no Chile pós-golpe. Eu não me encontrava em Santiago, embora o conhecesse desde as manifestações estudantis em 68, afinal ele era uma das lideranças. No exílio estivemos juntos em diversos encontros políticos e sociais em Santiago e em Paris, e meus amigos próximos eram também seus, como o Marco Antônio Maranhão, o Paulo Pinheiro e o Reinaldo José de Melo. E tampouco fomos

camaradas de partido. Ele da AP eu do BR. Nunca vi o Jean, mesmo nas acaloradas discussões políticas divergentes, levantar a voz ou ficar nervoso a ponto de demonstrar irritação. Ponderado nas considerações das opiniões dos oponentes, se impunha pela busca do consenso e não pela defesa irracional de ideias. De forma sempre gentil, defendia radicalmente suas posições com argumentação socrática. Esse é o Jean que conheço.

Para ele, o mundo parece girar ao seu redor. Sua profissão, suas relações amorosas, seus amigos, todos giram em torno de um único tema: política, e um único sujeito: ele mesmo. Com isto quero dizer que é um ser político por excelência, e não usa a política para ganhar dinheiro, como os mercenários da direita de hoje em nosso país, que não entendem como nossa geração pode se entregar aos perigos das lutas contra ditaduras ao invés de dedicar a energia da juventude para ganhar dinheiro.

E o mundo girava ao nosso redor, pois a política era o interesse primordial. Isto é, entender os conflitos das relações entre as classes sociais, em mudanças profundas nos últimos 50 anos; a correlação de forças para o controle do Estado; como agir para as transformações econômicas, políticas e sociais que reduzam ou eliminem as formas de exploração, de dominação e de alienação na sociedade; como incorporar as questões ecológicas, as lutas femininas, de gênero e antirracistas à luta de

classe. Assim eram preenchidas as nossas preocupações e vivíamos nesse redemoinho.

Muitos dos que estiveram no Chile durante o golpe em 1973, individualmente relataram as experiências que passaram, sofreram ou viram, bem como os seus pontos de vista sobre o que aconteceu naquele momento histórico. Mas o relato do Jean tem uma especificidade. Ele fala de muitos e dá os seus nomes. E fala dele porque esteve diretamente envolvido no destino de cada uma dessas pessoas. Cheio de medo, como confessa, mas não arredava o pé. Não buscou apenas salvar a sua vida, ou salvar a sua poupando outras através de comportamento exemplar, por exemplo não denunciando. Jean salvou a sua vida resgatando a de outros, pôs a sua em perigo para salvar vidas alheias, em atos de coragem, ousadia, inteligência e abnegação. E foram essas inúmeras atitudes que marcaram significativamente o seu comportamento.

Se este é o seu depoimento, o meu é o de confirmar as histórias aqui contadas pelo Jean, pois as conhecia não por ele, mas pelas pessoas a quem ajudou, muitas delas minhas amigas de longa data, outras apenas conhecidas, mas que me contaram em momentos distintos nos anos que se seguiram ao golpe. O seu papel na solidariedade militante, como prefiro chamar, foi além disso. Jean, já antes mesmo do golpe no Chile montou uma rede no exterior para denunciar a ditadura brasileira. Envolveu

sindicatos de trabalhadores, partidos políticos, instituições confessionais, movimentos populares, associações de direitos humanos, de várias partes do mundo. Após o golpe e já fora do Chile, se apoiou nesta mesma rede e continuou a solidariedade, agora para com os exilados, particularmente os brasileiros, que pela segunda vez saíam perseguidos, e onde a grande maioria não dispunha de condições de sobrevivência. Aqui também o Jean teve uma importância ímpar na obtenção de passagens internacionais para os que estavam temporariamente abrigados em outros países ou obtendo bolsas que garantissem a subsistência ou a continuidade dos estudos para muitos.

É claro que o Jean é muito mais do que um agente da solidariedade militante, e, apesar de respirar política, suas relações pessoais, amorosas, familiares ou de dirigente, não são aqui abordadas. Porém, quero marcar a importância da solidariedade que transforma militantes em seres humanos, e é aonde a causa política geral não se separa da vida particular de qualquer cidadão. Se o mundo político girava em torno de nós, não esqueçamos que no centro estava o ser humano, para além das diferenças políticas. Como lembra Marx na Sagrada Família: *“Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é preciso formar as circunstâncias humanamente”*. E isto o Jean compreendeu muito bem.

Por tudo que fez durante a travessia dos brasileiros que lutaram contra a ditadura e tiveram de enfrentar o exílio na América Latina, na África ou na Europa, temos a oferecer ao companheiro Jean-Marc a nossa imensa gratidão, mas, sobretudo, reconhecer a sua atitude como um marco da solidariedade militante.

Beluce Bellucci²

² Doutor em história econômica pela USP, licenciado em desenvolvimento econômico e social pela *Université de Paris 1 - Sorbonne*. Foi pró-reitor da Universidade Candido Mendes e diretor do Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Esteve exilado no Chile, França, Argélia e Moçambique.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



INTRODUÇÃO

Não irei, compas, e com dó no coração. Este movimento de reencontro com pessoas, histórias, vivências e sentimentos está sendo emocionante. É um resgate de nós mesmos, de parte de nossas vidas, mais ou menos importante segundo as experiências de cada um/uma. Tantos casamentos, namoros, separações, filhos e filhas. Tantos amigos e amigas, muitos perdidos no tempo e pelos caminhos da vida. Tantas emoções nas recordações das apostas que fizemos, das frustrações, das perdas e das esperanças sempre renovadas. A fé no povo e no futuro confirmadas depois de longo e tenebroso inverno.

Leio tudo que vocês escrevem e tento lembrar dos que conheci e descobrir os que não conheci. Estes últimos são a grande maioria neste grupo. De fato, nunca morei no Chile, como parece ter sido o caso da maioria de vocês. Cheguei com os 70, em 15 de janeiro e parti para a Europa no começo de março. Voltei uma

vez em julho/agosto de 1972 para uma série de reuniões internas da AP (Ação Popular). E duas vezes em 1973, uma em junho/julho, ainda para reuniões da AP e outra em setembro/outubro, quando tinha decidido ir viver no país e me integrar no processo revolucionário em curso. No total foram 8 meses picotados, em 4 visitas, em 3 anos.

Enquanto vocês viviam, lutavam, estudavam e trabalhavam no Chile, formando uma comunidade que agora se reencontra, eu estava em outra frente de luta contra a ditadura, viajando pelo mundo afora, denunciando as torturas e assassinatos de presos políticos no Brasil. Não me arrependo da escolha que fiz, mas ela me negou esta vivência extraordinária que vocês tiveram e que eu invejo. De fato, neste grupo eu sou um tanto outsider. Mas tive minha quota de experiências chilenas, sobretudo depois do golpe, quando passei uns 40 dias encharcado de adrenalina pelos riscos de deixar a pele na sombra da cordilheira. E posso dizer até que conheci mais do Chile e do seu povo pelas atividades profissionais que me levaram a revisitar o país ainda sob a ditadura de Pinochet, começando em 1985 e continuando com uma a duas viagens por ano até 2002. Nesta fase conheci mais do que Santiago e estive em seis a sete províncias, visitando comunidades rurais em processo de transição para a produção agroecológica.

Vou aproveitar a maré de recuerdos que vocês agitaram para deixar algumas lembranças para quem vier depois. Como tendo a me enredar nas minhas memórias, vou lançando as lembranças em capítulos que espero tenham algum interesse.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 01

A PARTIDA DOS 70 NO VOO DA LIBERDADE

Por óbvio, para chegar é preciso partir. E a partida foi dramática. O sequestro do embaixador suíço marcou uma mudança no comportamento da ditadura em relação às trocas por presos políticos. Nos três primeiros sequestros tudo se fez em menos de três ou quatro dias, sem negociações. Neste caso, os milicos decidiram dar uma travada no processo e estabeleceram condições, passando a decisão da troca para a mão dos sequestradores.

Tive longas conversas em Paris com um dos membros do grupo que participou da operação da VPR, Alfredo Sirkis, o único que

eu já conhecia quando ambos atuávamos no movimento estudantil do Rio de Janeiro, ele secundarista e eu universitário.

Alfredo esclareceu as condições em que fui incluído na primeira lista. Por proposta dele, meu nome foi discutido no grupo e rejeitado pela quase totalidade, excluídos ele mesmo e o comandante da operação, Capitão Lamarca. Os argumentos usados eram os que me levavam a crer que eu nunca sairia em um sequestro. Eu era militante de um partido que não tinha embarcado na luta armada, a Ação Popular. A AP defendia a guerra popular prolongada no modelo maoísta e achava que não havia condições políticas e militares para o enfrentamento iniciado pela ALN, VPR, VAR, PCBR, MR-8 e outras siglas menores. Inclusive a AP condenou os sequestros anteriores que estariam provocando um recrudescimento da repressão e um massacre de militantes, não só dos partidos envolvidos na luta armada.

O argumento do Alfredo, valorizando a importância de libertar o presidente da UNE, não foi aceito pelo grupo, que deste modo divergiu da ALN e do MR-8, que retiraram, no sequestro do embaixador americano, lideranças estudantis (Luiz Travassos, Vladimir Palmeira e José Dirceu). Nos outros dois sequestros, quase todos os trocados eram militantes da guerrilha urbana, exceção sendo a Madre Maurina, no sequestro do cônsul japonês. Cheguei a ter esperanças de sair no sequestro do

embaixador alemão, mas foi ali que percebi que o jogo tinha ficado mais duro e que o objeto essencial dos sequestros passara a ser recuperar os guerrilheiros presos pela repressão, ficando o impacto político em segundo plano. Quando houve o sequestro do suíço, eu nem criei expectativas e foi com muita surpresa que me deparei com o meu nome na lista.

Naquele momento, eu estava preso no Galeão, para onde tinha sido transferido, saindo da Ilha das Flores por iniciativa do comando da Marinha, que acreditava ter sido eu o mentor da greve de fome de uma semana que fizemos em outubro. Como o processo da AP estava em uma auditoria da Aeronáutica, a Marinha procurou se livrar de mim e dos outros cinco presos da AP, entregando-nos para a Força Aérea.

As condições do presídio do Galeão eram muito mais duras do que as da Ilha das Flores e estávamos nas mãos de um dos piores facínoras entre os muitos das nossas FFAA, o brigadeiro Burnier, aquele que tentou explodir o gasômetro do Rio de Janeiro para botar a culpa na esquerda e forçar uma radicalização do regime, ainda em meados de 68. O projeto de Burnier era aproveitar o impacto do atentado e dar sumiço em uma lista de opositores do regime, quase todos ainda com vida legal. Eu estava nesta lista, segundo fiquei sabendo, em companhia de, entre quase cem outros, do cardeal do Recife, dom Helder Câmara. Era uma

desagradável honra estar nesta lista e o Galeão era um mau lugar para estar preso, se é que havia algum bom.

Desde o dia do sequestro, 10 de dezembro, se não me engano, ficamos totalmente incomunicáveis e sem saber o que tinha acontecido. Quase uma semana depois, um grupo de presos chegou de madrugada no presídio e um deles foi posto em uma cela ao lado da que eu partilhava com dois outros militantes da AP. Usando a técnica de colocar um copo emborcado na parede, procuramos nos comunicar com o recém-chegado e escutamos um choro que parecia de criança. Após alguns esforços para ele entender o método de comunicação perguntamos quem era e ficamos sabendo que era o filho adolescente do coronel Jefferson Cardim Osório, um brizolista que tinha tentado invadir o Rio Grande do Sul com um grupo armado, menos de um ano depois do golpe. Com o fracasso da empreitada, ele tinha recuado e vivia no Uruguai com a família. Dias antes todos eles tinham sido sequestrados no país vizinho e trazidos para o Brasil.

Nossa segunda pergunta era sobre o que tinha acontecido para estarmos incomunicáveis e ele nos relatou o sequestro do embaixador suíço. Como já tinha passado mais de uma semana do evento, inquirimos sobre a razão de não ter havido a troca e ele nos disse da negociação imposta pelos militares. Caramba! Deu ruim, o sequestro não tinha funcionado e esperava-se uma resposta dura do comando da VPR, matando o embaixador.

Ficamos mais do que ansiosos porque, se isto acontecesse, a probabilidade de um massacre nas prisões era grande, sobretudo para quem estava na lista. Eu ainda não sabia que estava na lista, de modo que me considerava apenas um entre as centenas de presos políticos sobre os quais poderia cair a vingança dos milicos. A eliminação de todos era improvável, mas a dos pedidos em troca do embaixador era uma forte probabilidade.

No dia seguinte ouvimos uma movimentação de gente na porta da nossa cela e logo uma ordem veio pela janelinha por onde passavam a comida: “virem-se todos de costas para a porta. Jean Marc, ponha as mãos para trás e recue.” A porta foi aberta e fui imediatamente encapuçado e algemado, sendo arrastado por corredores até um recinto refrigerado onde pude ouvir um vozerio de muita gente. Entrei em pânico. Iria voltar para a tortura? Na Ilha das Flores não havia este tipo de recinto com isolamento sonoro porque o local de interrogatório era isolado, mas eu sabia pelos meus muitos companheiros de prisão que tinham passado pelos quartéis do DOI-CODI ou do DOPS, que ele era comum e a refrigeração era para tornar o “trabalho” dos torturadores menos incomodo e quente. Uma voz pediu silêncio e mandou que fossem retiradas as algemas e o capuz. Na minha frente havia uma mesa com três pessoas à paisana. Um pouco mais atrás vi duas pessoas com farda de pilotos. Vários oficiais e praças da força aérea se espalhavam no recinto. Tanta gente,

pensei, vai ser um massacre. Mas estava com os olhos grudados nos pilotos, pensando se não seriam eles a me levar para um mergulho final no Atlântico, jogado de um helicóptero. Um deles encontrou o meu olhar e sorriu. O alívio foi enorme. Ninguém com ordens de assassinar um preso iria sorrir para ele, raciocinei.

O chefe do grupo dos sentados na mesa chamou a minha atenção e leu uma declaração: - “Você foi escolhido pelos sequestradores do embaixador suíço para ser trocado e libertado. Você aceita a troca?” Fiquei perplexo. Fingi não saber do sequestro e perguntei: “troca? Eu? Não é possível!”. E arrisquei: - “Quando foi isso?”. O sujeito respondeu confirmando o que eu já sabia desde a véspera. - “Há 10 dias? Mas o que está havendo? Todos os sequestros se resolveram em três dias!”. - “O governo está negociando com os sequestradores as condições e a lista dos trocados. O presidente Médici decidiu que ninguém vai ser libertado contra a sua vontade e cada um terá que assinar uma declaração indicando se quer sair ou ficar.”

Aquilo me pareceu totalmente insólito. Quem haveria de preferir ficar preso em vez de ser libertado? - “Chega de conversa. Você quer sair ou quer ficar? Estamos aqui para saber a sua posição.” - “Antes de decidir, eu preciso saber se vai haver uma troca ou não. Parece que esta negociação está emperrada.” A ameaça da retaliação, no caso de a negociação falhar e o embaixador ser morto, passara a ser muito concreta e eu não

queria pôr o meu pescoço na guilhotina naquela hora. Os três se juntaram num canto para discutir o que fazer e acabaram decidindo me isolar dos outros presos enquanto eu “fazia uma opção”. E assim foi feito.

As negociações se esticaram por mais uns 20 dias e, embora eu não soubesse, várias listas foram elaboradas. Não só alguns se recusaram a sair, por razões políticas ou pessoais, mas os milicos puseram limites para a seleção dos libertos. Ninguém acusado de crime de sangue ou de sequestro ou condenado a mais de 10 anos de prisão seria solto. O primeiro critério eliminou alguns amigos da Ilha das Flores, como o Cláudio Torres e o Otoni Guimarães. O segundo eliminou apenas o Jorge Vale, já que eram poucos os casos de presos já julgados e condenados.

A decisão de não eliminar o suíço foi exclusiva do comandante Lamarca. Segundo Alfredo, quase todo o grupo era favorável à eliminação, para não desmoralizar o instrumento político do sequestro. Lamarca justificou sua posição pelo risco de retaliação sobre os presos e uma reação negativa da opinião pública nacional e internacional, como houve no caso da morte do embaixador alemão sequestrado na Guatemala, se não me engano.

Enquanto rolavam as negociações, fui chamado várias vezes para reuniões em que diferentes personagens tentavam me

convencer a recusar a libertação. Dei corda para estas conversas, primeiro porque me ocupava o tempo e segundo porque me permitia jogar o jogo da “indecisão” até ter certeza de que a troca ocorreria. Discuti a política educacional da ditadura com oficiais e depois com um técnico do MEC (Ministério da Educação). Discuti democracia e interesses nacionais com gente fardada e à paisana. Quase que dia sim, dia não havia uma reunião e discussões, sempre sem ameaças e às vezes até com concordâncias com os meus argumentos. Mas tudo isto se passava à sombra da figura sinistra do brigadeiro Burnier. Ele veio me ver um dia na cela e fez o seguinte comentário: “reze para este sequestro dar certo. Se matarem o embaixador, pelo menos você, eu mato. Vai ficar um suíço pelo outro, quá, quá, quá.” A minha dupla nacionalidade era do seu conhecimento e ele achou graça na sua ameaça.

Com o tempo, os guardas que me traziam a comida passaram a conversar comigo e um sargento, que também era pastor evangélico, fez seu próprio esforço de me converter e me visitava quando estava de serviço, conversando na porta da cela. Fui tirando vantagens destas conversas e conseguindo informações sobre o andamento das negociações, inclusive recebendo recortes de jornais que eu destruía e jogava na “boca do boi” (privada). Consegui livros mandados pelos meus pais, as memórias de Casanova, oferecido por amigos deles, ou as obras completas de Garcia Lorca, mandado pela dona do Jornal do

Brasil, amiga da minha mãe. Fazia muita ginástica, como sempre fiz em meus múltiplos cativeiros em solitárias, para cansar o corpo e sossegar a mente para dormir. Mas a angústia desta espera me torcia o estômago e eu quase não comia.

Lá pelo dia 10 ou 11 de janeiro começaram a chegar os presos que seriam trocados e logo a lista ficou completa, só faltando a minha decisão. Um dia fui levado para uma reunião com um oficial do exército, ajudante de ordens do general Figueiredo, que era chefe da Casa Militar, se não me engano. De cara ele me disse que tinha mandato do general para negociar comigo. Abriu um volumoso arquivo com o meu nome na capa e discorreu: - “Você tem quatro acusações. A primeira é a queima da viatura do exército pela qual foi condenado a dois anos de prisão em primeira (auditoria) e segunda (STM) instâncias. O seu recurso no STF deve ser favorável, se dermos um toque nas pessoas certas. A acusação de militância na AP só depende de denúncias de outros presos e podemos anular na auditoria. O seu processo por agressão a um oficial do exército em uma manifestação no Paraná é puro boato e não vai dar em nada, se quisermos. O complicador é a acusação da UNE, pois você é réu confesso e não vai dar para anular. A pena máxima vai ser inevitável e são 5 anos. Como você já está preso há ano e meio, podemos dar uma liberdade provisória em mais uns seis meses. O que estou oferecendo é a tua liberdade e a possibilidade de voltar para a universidade e completar o teu curso e retomar a tua vida. Se

quiser fazer política sempre há uma atuação legal possível no MDB. Caso você decida pela saída na troca, o banimento vai ser por toda a tua vida e você vai perder o contato com a tua família e com a tua noiva. Você tem 24 horas para dar uma resposta”.

Noiva? De onde eles tinham tirado isso? Eu não tinha nenhuma noiva e minhas ex-namoradas estavam casadas.

Na manhã seguinte recebi a visita dos meus pais e irmãos, trazidos pelos oficiais da Aeronáutica para me convencer a ficar. Após os abraços sentidos, os oficiais presentes instaram meus familiares a me convencer a recusar a troca. Foi minha mãe que respondeu por todos, com voz firme. - “Você sempre fez o que achava mais certo e nós vamos apoiar qualquer decisão que você tomar.” A reunião acabou ali mesmo com os oficiais irritadíssimos.

Horas depois fui de novo chamado para uma sala de visitas e encontrei a Gris, lindíssima irmã do meu colega de cela na Ilha das Flores, Jaime Cardoso, até hoje um amigão. Empurrando os guardas ela me abraçou (meu primeiro abraço com ela e com qualquer outra mulher fora a minha mãe em 500 dias de prisão) e sussurrou: “vou te encontrar seja aonde for”. A conversa acabou ali mesmo e fui levado de volta para cela com explosões de testosterona saindo pelos ouvidos e sem entender nada.

Mais tarde, já no Chile, fiquei sabendo pela própria Gris, que as cartas que trocamos durante alguns meses tinham mexido com ela e se apaixonado por mim. Quando fomos transferidos da Ilha da Flores para o Galeão, os milicos fizeram uma maldade com as nossas famílias, não avisando da transferência e deixando que sofressem com o nosso desaparecimento até que uma medida cautelar do STM os obrigou a apresentar-nos. Gris juntou-se aos meus pais na peregrinação de presídio em presídio para me encontrar e para justificar a sua participação perante os milicos disse ser a minha noiva.

Ao final deste dia agitado, fui outra vez levado a uma sala onde um jovem à paisana com uma maleta do tipo 007 me esperava sentado à uma mesa. “Chegou a hora. Sai ou não sai?”. Só a pergunta, sem pressões e argumentos e colocou um papel e uma caneta à minha frente.

Escrevi: “Saio porque a liberdade é o bem mais precioso que um indivíduo ou uma sociedade podem desejar”. Assinei e entreguei com o coração na boca.

Ele abriu a maleta, sacando uma pistola automática que mais tarde aprendi ser uma Walter PPK. Congelei por alguns segundos pensando: resposta errada! Mas ele apenas guardou o meu papel com a pistola por cima e fechou a maleta. Sorri: “acabo

de ganhar uma garrafa de uísque. Apostei com um colega da federal que você optaria por sair. Boa sorte.”

Anoitecia e fui levado direto para um galpão enorme onde havia 35 beliches colocados aos pares. Nestas “camas de casal” superpostas estavam deitados 69 trocados, algemados dois a dois. Um deles estava sem parilha e a ele fui algemado. Era o Fortini da VPR que vim a conhecer melhor na Itália meses mais tarde. Quando entrei no galpão alguém gritou: “é o Jean Marc”, e uma onda de gritos de alegria e aplausos me receberam. Na parte de baixo do beliche estava o Marcão, da economia da UFRJ, militante do PCBR e meu parceiro e amigo. Comentei com ele não imaginar ser tão popular entre um grupo onde conhecia poucos. Ele riu: “não é você pessoalmente que foi aplaudido, mas o seu número. És o setenta. O grupo está completo e podemos viajar”.

Lá pela meia noite fomos levados a um pátio do Galeão onde trocaram as nossas algemas de plástico por outras de metal, menos incomodas. Também trocaram as duplas, não sei por que nem qual a lógica das escolhas. Fui algemado ao frei Tito de Alencar. Tito estava traumatizadíssimo pela pesada tortura a que foi submetido e não me disse palavra antes, durante e depois da viagem. Fomos fotografados neste pátio e depois levados em ônibus para a cabeceira da pista de decolagem onde um avião da Varig nos esperava. Os muitos oficiais da Aeronáutica e 35

agentes da polícia federal nos cercaram e nos puseram em duas filas, fazendo com que os da frente se agachassem. A mais ou menos cem metros uma tropa de fotógrafos se colocou atrás de uma linha e nos fuzilou à distância com um alegre pipocar de flashes.

Eu estava em uma ponta da fila de trás e logo correu a voz entre nós para fazermos o V da vitória com braços e os dedos. Os oficiais atrás de nós gritavam para abaixarmos os braços e um deles pirou e começou a dar socos nas nossas costas. Mantive o meu V e o braço do Tito bem altos. De repente, alguém na nossa fila virou-se para trás e deu um soco ou um chute no oficial que nos agredia. Enlouquecido de ódio ele sacou uma pistola e partiu para cima do Wellington, supostamente o que deu o soco/chute. Vários de nós cercamos o Wellington e um bando de oficiais e policiais civis agarraram o maníaco homicida. Foi tudo muito rápido e pouca gente percebeu o quão perto estivemos de uma tragédia, pois se o oficial matasse ou ferisse o Wellington é pouco provável que a troca continuasse.

Mas tomamos nossos lugares no avião, sempre com um agente da federal no corredor para cada dois de nós na janela e no meio.

Quando o avião decolou, lembrei do sinistro vaticínio do Wilson, outro amigo da Ilha das Flores, que até subirmos as escadas ainda achava que seríamos todos mortos e jogados no mar. O

piloto deu uma volta ampla por cima do Rio de Janeiro, não sei se para nos mostrar o que deixaríamos de ver por quase uma década, a lindíssima paisagem da cidade onde nasci e me criei. Sem conseguir trocar ideias com o Tito e com os choques de adrenalina passando, o cansaço me venceu e eu dormi como uma pedra.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 02

A CHEGADA DOS 70 EM SANTIAGO

Acordei com um grito do Marcão: “Olha os Andes, minha gente!”. Pela janela eu pude ver os majestosos picos nevados, brilhando à luz intensa de uma lua gigante que parecia mostrar o caminho da liberdade para aquele avião carregado de esperanças. Todos acordamos e soubemos que estávamos chegando. Bem, a profecia do Wilson não tinha se concretizado, a não ser que tivessem a pachorra de cruzar o continente para nos lançarem no Pacífico.

Marcão conseguiu tirar a algema e se levantou, sem que os federais presentes reagissem. Foi até a área dos comissários de bordo e, com a ousadia (ou impertinência) que era sua marca, exigiu que distribuíssem água, café, sucos e biscoitos. Acho que até ele ficou surpreso com a imediata aceitação dos “aeromoços” e a passividade dos federais. Comemos e bebemos enquanto o Marcão abria uma discussão aos gritos, já que todos nós continuávamos algemados e sentadinhos nos nossos lugares. “Vamos desembarcar cantando a Internacional”, propôs ele. Houve um coro de assentimentos e pelo menos uma objeção, a minha.

Propus que cantássemos o hino da república (“liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós...”). Afinal de contas, nenhum dos partidos ali representados estava defendendo um programa comunista para a revolução brasileira. E alguns de nós, poucos, é verdade, tínhamos uma identidade de esquerda, mas não comunista ou mesmo socialista, como era o meu caso como presidente da UNE. Cantar a Internacional era como assinar um atestado de comunismo que a ditadura não deixaria de explorar no Brasil. Mas fui abafado rapidamente e prevaleceu a proposta do Marcão.

Levantei uma outra objeção: “Quem sabe a letra?”. Foi um desastre. Alguns sabiam passagens da letra em francês (René), outros em espanhol (os da Ilha das Flores) e ninguém sabia o

hino em português. Eu lembrava somente do começo: “de pé famélicos da terra...”.

É um cacófato dos brabos, estes “cus da terra”. Na balburdia desta discussão caótica soou o aviso do piloto: “apertem os cintos, vamos pousar em Santiago”. Foi um frisson geral. Silenciamos até as portas serem abertas e os federais retomaram o controle. “Vocês vão desembarcar a partir da primeira fila, quando a ordem for dada. Tiraremos as algemas na porta do avião.”

Eu estava do meio para trás na cabine. Tentei ver o que se passava do lado de fora, mas estava escuro. Podia perceber muita gente agrupada em frente à escada, com dois personagens adiantados junto ao último degrau. Eles pareciam tomar os nomes de cada um que descia e os dirigiam para o grupo mais atrás. Os federais estavam furiosos por alguma razão que eu desconhecia. Depois fiquei sabendo que tinham sido proibidos pelo governo Allende de desembarcar e teriam que voltar direto para o Rio de Janeiro, assim que estivéssemos todos em segurança e o avião reabastecido.

Quando chegou a minha vez, eu e o Tito nos dirigimos para a porta e nos tiraram as algemas. O Viegas tinha descido pouco antes e eu ouvi a troca de palavras entre ele e o federal no comando: “Não voltem. Da próxima vez vai ser uma bala na testa

de cada um.” O cabinho, com sua fala mansa, respondeu com uma risadinha provocadora: “na minha ou na sua?”.

Ao sair do avião surpreendeu-me o frio daquela madrugada. Estávamos em pleno verão e no Rio de Janeiro da nossa partida, o dia e a noite tinham sido tórridos. Mas o Chile fica muitos graus de longitude abaixo do Rio e as noites, mesmo no verão, eram frias. Um sujeito à paisana me cumprimentou formalmente e sem muito entusiasmo quando pisei em solo chileno. Confirmou meu nome em uma lista e me mandou para junto do resto. Nos abraçamos, conhecidos e desconhecidos e logo começamos a ouvir, à distância, gritos e cantos que não chegávamos a distinguir. Mas a língua nós reconhecemos, era português.

No alto de um edifício do aeroporto uma pequena multidão se aglomerava no escuro e agitava faixas e bandeiras. Eram os exilados que nos tinham precedido em terras chilenas, alguns desde 1964. Quando todos os 70 se juntaram, fomos caminhando em direção ao aeroporto e os sons iam ficando mais fortes e as músicas e palavras de ordem reconhecíveis.

“Abaixo a ditadura”, o grito de guerra das nossas manifestações estudantis de 66 a 68 era o mais frequente dos slogans urrados em delírio pelos nossos compatriotas. Nosso coro esboçou a Internacional e foi uma cacofonia só. Acabamos repetindo até a náusea a única parte que todos sabiam, o estribilho. “*y se alcem*

los pueblos, com valor, por la internacional". E marchávamos em um bloco confuso, com os braços e os dedos fazendo o V da vitória, sem sabermos que aquele era o símbolo da campanha do candidato da direita, Alessandri, nas últimas eleições chilenas.

Ao entrarmos no aeroporto, fomos fotografados em grupos de 10, não sei se pela imprensa ou pela segurança do governo chileno - que logo conheceríamos melhor: a Investigaciones. Um alto falante me chamou pelo nome e fui levado para uma sala separada onde encontrei um senhor muito formal que se apresentou em francês: "*Je suis le consul general de Suisse a Santiago*". Meu francês estava pra lá de enferrujado, mas consegui entender que ele estava me convidando para comparecer à embaixada logo que possível, para formalizar a minha situação como cidadão suíço, com direito a passaporte e repatriamento. Agradei surpreendido com a presteza do sistema suíço, independente da minha posição política e da forma como tinha ido parar lá.

Sem muita delonga fomos levados em ônibus para um albergue do governo chileno, chamado de *hogar*, o *hogar* Pedro Aguirre Cerda, nome de um ex-presidente chileno. Já amanhecia quando lá chegamos. O *hogar* ficava próximo de um grande parque arborizado e com infraestruturas esportivas como piscinas e quadras de futebol, vôlei e basquete, o parque Cousiño. O *hogar* tinha um amplo terreno ajardinado e arborizado, o nosso novo

lar. Era um casarão enorme e com muitos grandes quartos, onde tinham colocado beliches e fomos nos distribuindo meio anarquicamente.

As mulheres (poucas) ficaram em quartos à parte, assim como a família inteira do Bruno Piola. O grupo da Ilha das Flores, que logo foi apelidado de PIF, ou Partido da Ilha das Flores, ficou no primeiro quarto do segundo andar, onde éramos ao todo uns 20. Fomos nos deitar lá pelas 6 da matina, sem esperar o “*desayuno*” que as cozinheiras do *hogar* tinham preparado para nós.

Acordei quase ao meio-dia, com alguém convocando todos para o almoço, servido em um caramanchão coberto por uma parreira. Eram longas mesas coletivas e nos serviram um almoço com vinho e tudo. Ficamos estáticos. A comida era ótima e farta. Logo verificamos que isto era nos dias de festa. Já no jantar do mesmo dia em que chegamos, aprendemos como os chilenos comiam normalmente. Nos serviram uma cazuela (sopa) rala e escassa, com pedaços de um molusco que aprendemos se chamar loco e que tinha gosto de papel. Também tínhamos um pãozinho sem graça e pequeno para comer com a sopa. Pensamos que era a entrada, mas o prato seguinte era a sobremesa, uma fruta, *durazno* (pêssego) saborosíssimo, mas pouco para a nossa fome.

Depois deste almoço, ficamos sabendo que não poderíamos sair do *hogar* enquanto nossos documentos não fossem entregues. Os técnicos da *Investigaciones* vieram tirar fotos e impressões digitais e anotar os dados de cada um. Logo nos estranhamos com estes federais chilenos, pois começaram a nos interrogar sobre o que tínhamos feito no Brasil, a que partido pertencíamos, de que éramos acusados etc. Acho que foi o Ubiratã o primeiro a dar um ataque e se recusar a prestar declarações. O processo foi interrompido até chegar uma autoridade maior dos policiais que nos interrogavam, creio que era o chefe da *Investigaciones*, Coco Paredes, um dirigente do Partido Socialista Chileno. Daí pra frente, as perguntas passaram a ser de caráter básico e formal, como em uma repartição de identificação em qualquer país. Prometeram entregar os documentos no dia seguinte, mas mantiveram a proibição de sair do *hogar* até que isto acontecesse.

No final da tarde, o Wilson me procurou para dizer que eu tinha sido escolhido pela coordenação dos 70 para representar o grupo em uma entrevista coletiva. “Que coordenação é essa?”, foi a minha primeira pergunta. Wilson respondeu que os dirigentes de cada um dos partidos presentes compuseram uma coordenação política que permitisse uma interlocução ordenada com as autoridades chilenas. “E quem representa a AP neste grupo?”, perguntei. O Wilson ficou embaraçado, mas disse que eu não estava ali por ser da AP. “E porque diabos eu fui escolhido

para falar em nome de vocês?”. “A ideia foi minha, disse ele. Por um lado, você não é de nenhum dos partidos da coordenação e isto evita uma discussão de primazia entre nós. Por outro lado, você tem o que nenhum de nós tem; expressão político/social, como presidente da UNE. E num país como o Chile isto é importante.” Topei fazer o que pediram, embora ficasse preocupado sobre eventuais discrepâncias políticas com os grupos da luta armada durante a entrevista.

A conferência de imprensa teve enorme participação de jornalistas de todo o mundo. Antes de começar recebi uma informação do Wilson. Os jornalistas “amigos” seriam identificados por usarem palitos no canto da boca todo o tempo. Não eram muitos e dei mais tempo para eles. Essencialmente, mesmo sem discussão prévia, adotei uma posição que a coordenação aplaudiu, a posteriori. Centrei a minha apresentação na denúncia dos assassinatos políticos, na tortura aos presos e na falta de liberdades democráticas básicas. Alguns repórteres tentaram puxar uma discussão sobre a ética de se sequestrar pessoas inocentes, embaixadores estrangeiros, não comprometidos com aquilo que denunciávamos. Passei a resposta para um dos capos da VPR, como membro da organização que fez o sequestro. Não me lembro quem respondeu, talvez o Bona. Também não lembro o quê respondeu, só que foi longo e de difícil tradução para o espanhol. Talvez tenha sido melhor assim. Um jornalista suíço me

perguntou se eu não via problemas em me beneficiar com o risco e o sofrimento de um concidadão.

Fui bem seco e breve: - “Me recusar a sair não alteraria em nada a situação do embaixador e, por outro lado, daria uma enorme demonstração de confiança política no regime que tinha me prendido e torturado. Não foi por acaso que me pressionaram tanto para recusar a liberdade no sequestro.” Nunca vi as notícias que saíram no Brasil depois desta coletiva. No Chile, nós fomos manchete de primeira página em todos os jornais. Minha cara ficou conhecida do público chileno, como eu verificaria no dia seguinte.

Na noite do terceiro dia em Santiago, ainda não tínhamos os documentos e estávamos trancados no *hogar*. Trancados é força de expressão. Circulávamos à vontade pelos jardins e, tirando os portões que estavam, efetivamente, trancados, os muros de pouco mais de dois metros de altura não impediam ninguém de entrar ou sair. Depois do jantar fui abordado pelo Marcão e pelo Brito com a proposta de pularmos o muro e irmos conhecer o povo chileno. Topei a proposta, mas fiz uma ressalva: “não conhecemos a região e ela parece meio deserta, que vamos fazer se nos perdermos?”. Brito respondeu que falava um espanhol básico e pediria instruções a algum passante.

Com esta segurança precária pulamos o muro e saímos caminhando por uma ampla avenida. Logo nos demos conta de que o lugar era realmente isolado. Passavam pouquíssimos carros e nada de ônibus. Não havia gente circulando na carretera. Fomos cada vez mais longe até que encontramos um conjunto de casas pequenas em um local que depois ficamos sabendo ser uma *población* ou vilarejo. Era muito maior do que parecia, com muitas casas com pequenos terrenos à volta. Era bem limpa e arrumada e, nitidamente, abrigava uma população pobre. Também havia pouca gente circulando naquele horário, umas nove da noite, mas encontramos, próximo à entrada, um prédio mais amplo de onde saíam sons de música e risos. Entramos no equivalente a uma tasca ou boteco, de teto baixo, com muitas mesas, muita gente, muita fumaça e muito barulho. E foi só darmos uns passos para dentro que se fez um silêncio total e todos/as cravaram os olhos em nós.

Ficamos parados sem saber o que fazer até que alguém se aproximou e me perguntou: *-Brasileños?*. - *Si* – respondi, gastando quase todo o meu espanhol. *De los setenta?*. -*Si* – respondi de novo. O bar explodiu em aplausos e gritos de acolhida e solidariedade. Um deles apontou para mim e mostrou um jornal onde eu aparecia em destaque na coletiva de imprensa. - *Es él! El jefe de los setenta*. Não tinha como explicar o equívoco nem importava muito naquele contexto.

Logo estávamos sentados em uma mesa comprida com todos à nossa volta, e as tentativas de conversa iam se frustrando, o portunhol do Brito tão curto como o meu ou o do Marcão.

Fomos brindados com vários discursos inflamados e copos e mais copos de um vinho ácido como cicuta e pratos com comidas que não identificávamos, mas que não eram ruins. Depois ficamos sabendo que aquela *población* era um reduto do Partido Socialista, forte o suficiente para ter um deputado eleito e um prefeito.

Não entendíamos nada dos discursos, mas aplaudíamos cada vez que o tom do orador subia a um nível mais emotivo. Também discursamos em português e a reação deles foi como a nossa, aplaudiam o tom de voz. Finalmente, um grupo puxou uma música que depois ouvi várias vezes: *“Que culpa tiene el cobre, se está tranquilo en la mina, y viene un yanqui ladrón y lo mete en avión y lo manda pra New York...”*. Também cantaram o hino da campanha de Allende, a canção da Unidad Popular: *“Venceremos, venceremos, mil cadenas habrá que romper, venceremos, venceremos, la Unidad Popular al poder...”*.

Foi uma noite emocionante apesar da ruptura linguística e saímos dali lá pela meia noite, com uma massa de moradores que tinham vindo para o bar conhecer os brasileiros dos 70. Éramos os heróis do dia e passamos por muitos abraços e tapas

nas costas antes de conseguirmos voltar para a avenida e tomar o rumo do *hogar*.

Bêbados de felicidade e vinho, logo achamos que estávamos perdidos. Depois de muito andar encontramos um único passante e o Brito se dirigiu a ele com um papel na mão onde estava escrito o endereço do *hogar*: - Amigo, onde fica esta 'rrrua'? O erre enrolado era a única coisa que soava espanhol, mas "rua" nesta língua é "*calle*" e o passante não entendeu nada. – "Hogar Pedro Aguirre Cerda", interveio o Marcão e, por sorte, era um local amplamente conhecido e o sujeito nos indicou o caminho. Era naquela mesma avenida onde estávamos, só que estávamos andando na direção errada, nos afastando do *hogar*. Demos meia volta e retomamos a nossa caminhada, já bem pregados.

Pouco depois fomos abordados por um carro de polícia, do tipo camburão. Sem documentos e sem falar a língua a chance de sermos presos era grande. Mas logo os canas chilenos perguntaram o mesmo que os *pobladore*s: - *Brasileños? De los setenta?* E muito simpaticamente nos levaram no camburão até o *hogar*. Foi uma experiência esquisita entrar de novo em um camburão, mas o contexto era favorável. Éramos heróis até para os pacos. Pulamos o muro de volta e fomos dormir impressionados com a politização do povão e o calor da solidariedade. Finalmente nos sentimos livres e protegidos, não

só por um governo popular, mas pelo apoio do povo. Depois descobrimos que o Chile era um país rachado ao meio e que, se o povo era politizado, a classe média também o era, só que com sinal trocado.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 03

40 DIAS INTENSOS

No terceiro dia de liberdade fomos, finalmente, liberados, após sermos devidamente documentados com um papel que só era aceito como identidade no próprio Chile e que, portanto, restringia a liberdade de viajar. Eu nem fiz questão do dito papelucho e me dirigi, logo na primeira manhã de portões desferrolhados, para a embaixada Suíça, que ficava no Centro de Santiago, em uma das muitas transversais da Alameda Bernardo O’Higgins, e cujo nome me escapa.

Antes de sair do *hogar* recebi a visita do José Serra, o representante da AP no Chile. O Serra já tinha uma pinta parecida com a que tem hoje. Já era totalmente careca, com os olhos esbugalhados e uma boca que, no Rio de Janeiro, chamamos

mole. Nos cumprimentamos meio formalmente e ele me informou que a Marijane, a Márcia e a Marta (as três Ms), companheiras da AP que estiveram na Ilha das Flores, tinham chegado um dia antes de nós e que o Travassos tinha chegado alguns dias antes delas, mas estava isolado em um aparelho “por segurança”. Ele me deu algum dinheiro, pois eu não tinha absolutamente nada além da roupa do corpo. Nem escova e pasta de dentes eu tinha. A roupa, com quatro dias de uso sem desodorante já causava reações estranhas entre pessoas que se aproximavam. Lavava a camisa e a cueca de noite esperando que secassem até a manhã seguinte. Foi um alívio poder comprar alguns produtos de higiene e uma muda de roupa. Logo chegaria, pela mãe da Nancy, uma das primeiras a ir ver os filhos no Chile, uma malinha mandada pela minha mãe que não podia deixar o seu emprego para ir me ver.

Voltando ao Serra, ele criou alguns empecilhos para um encontro com o Travassos, mas acabou aceitando marcar um ponto, se bem me lembro, na praça Zañartu, no dia seguinte. Criou mais uns outros problemas para um encontro com as três Ms, mas também cedeu e me deu o endereço da casa onde estavam albergadas. E me disse que estava esperando uma orientação da direção da AP para saber o que fazer comigo. Ficou um tanto ansioso quando lhe disse que tinha meus próprios planos para o futuro imediato e que depois conversaríamos.

Na embaixada suíça fui recebido pelo próprio embaixador, cujo nome me pareceu familiar, Dominicé. Ele confirmou que tinha sido cônsul no Brasil e conhecido os meus pais. Mas apesar disto, não se mostrou mais do que seca e formalmente eficiente. Claramente, ele não tinha a menor simpatia por mim, mesmo sabendo que eu não tinha responsabilidades com os grupos armados e com os sequestradores do seu colega no Brasil. Saí da embaixada com o passaporte tirado na hora e a oferta de uma passagem para a Suíça quando eu quisesse viajar. Esta “oferta”, não era um presente, mas um crédito e isto só ficou claro para mim quando, meses mais tarde, minha avó argentino/suíça recebeu a cobrança da passagem emitida no meu nome. Sem dinheiro para bancar o longo voo entre Santiago e Zurich, passando por New York para evitar uma escala no Brasil, a velhinha entrou em pânico e mandou a conta para os meus pais no Brasil. Só fui saber do rolo meses depois e paguei esta passagem durante alguns anos, devolvendo a grana para os meus velhos e mantendo o princípio de não fazê-los pagar pelas minhas opções políticas.

Com o passaporte novinho em folha e, melhor do que tudo, sem que nele constasse qualquer referência ao Brasil, senti-me invulnerável, dono de poderes mágicos. De fato, este passaporte foi um tremendo talismã ao longo de todo o meu exílio. Com ele entrei em todos os países do mundo que quis visitar e em apenas

um deles deu ruim: na Inglaterra, mas isto é outra história que não tem a ver com o Chile.

O abraço no Luiz na praça Zañartu foi emocionado para ambos. No nosso último encontro tínhamos nos despedido na praça da cidadezinha de Ibiúna depois de caminharmos em fila indiana desde a fazenda onde se realizava o XXX congresso da UNE, interrompido pela repressão. O Luiz foi reconhecido por um agente do DOPS paulista que, felizmente para mim, me ignorou. Segui meu rumo no meio da massa de mais de 800 estudantes, para escapar da prisão via Paraná e dirigir os esforços da AP para conquistar a diretoria da UNE.

Relatamos os nossos itinerários, que incluíam prisão e troca em sequestros sendo que ele teve um longo ano de exílio em Cuba e um perigoso périplo pelo mundo até chegar a Santiago. Os cubanos fizeram uma sacanagem com o Luiz, apoderando-se dos três passaportes que a AP, desde Paris, tinha mandado para que ele pudesse sair da ilha. Acabaram entregando um passaporte de um militante conhecido da ALN, no qual apenas a foto foi trocada. Como é que ele passou pela fronteira da Áustria vindo de Moscou para tomar o voo para Santiago é algo que desafia a sorte, pois o passaporte tinha o nome verdadeiro de um militante para lá de “queimado”. Os cubanos não tinham a menor simpatia pela AP, que depois de uns anos de namoro com o regime cubano, tinha rompido e denunciado o foquismo quando

aderiu ao maoísmo. Segundo me contou o Betinho, que representou a AP em Cuba depois do golpe de 64, os cubanos tinham ficado positivamente impressionados com a devolução do dinheiro doado para a criação de um foco guerrilheiro pela AP, mas isto não impediu que o Luiz fosse isolado do grupo dos banidos que para lá se dirigiram após serem soltos no México. Só conseguiu participar do treinamento guerrilheiro do grupo pela intervenção dos companheiros, puxada pelo Vladimir. Depois do treinamento ele foi hospedado no Hotel Nacional por quase um ano, sem contato com outros brasileiros até conseguir os meios e a permissão para viajar. Luiz estava em processo de ruptura com a AP, namorando as organizações da luta armada e muito discutimos sobre os rumos a tomar. Eu estava disposto a partir para a Europa e usar o meu passaporte recém adquirido para fazer uma campanha de denúncia dos crimes da ditadura, mas não pretendia romper com a AP, apesar das minhas muitas contradições com a opção maoísta do partido. Esta posição foi reforçada pela proposta do “comando” dos 70, que me propôs fazer esta campanha em nome do nosso grupo de banidos. Aceitei a missão, com a condição de que a campanha fosse feita com a direção da AP, isto é, minha.

Nosso papo na praça terminou com a nossa visita ao aparelho chileno, arranjado pelo Serra, onde estavam albergadas as três Ms, Marijane, Márcia e Marta. Era uma simpática casinha em Vitacura e lá os dois amantes, Luiz e Mari, se reencontraram,

reclamando muito dos desnecessários segredos que os tinham mantido separados por uns dias a mais. O reencontro com as três foi outra festa, com aquela sensação intraduzível de alívio e segurança, depois de anos de clandestinidade e prisões. A euforia chilena com o novo governo colocava esperanças que nos contaminavam, apesar de, como gatos escaldados, sempre nos perguntássemos se ia durar. Talvez estivéssemos tomados pelo pessimismo da dona Letícia, mãe de Napoleão, que no dia do seu coroamento como imperador todo poderoso comentou, em francês carregado de acento corso: *“pourvu que ça dure”* ou, em bom português, tomara que dure.

Serra não gostou de termos violado as suas recomendações de segurança, mas engoliu a afronta e passou a discutir comigo e com o Luiz o destino que a AP nos reservava. - “O partido vai mandá-los para a China. A missão é formá-los em táticas e técnicas de guerrilha, mas sobretudo, prepará-los em um curso de Estado Maior do Exército Popular de Libertação”. Desconfiado, perguntei quanto tempo estes cursos levariam e

Serra respondeu que seriam pelo menos dois anos. Olhei para o Luiz e nem pensei duas vezes: - “Estou fora disso. Estado Maior de qual exército? Acham mesmo que em dois anos, ou mesmo que em dez, teremos um exército popular com dimensões suficientes para necessitar de um Estado Maior? A direção da AP pirou da batatinha ou está pensando em nos afastar da luta

interna no partido”. Luiz disse o mesmo de forma ainda mais peremptória quando o Serra afirmou que era um comando a ser obedecido. - “Já decidi partir para a Europa e começar uma campanha de denúncias da ditadura, aproveitando que o meu passaporte me permite circular e o fato de que falo, embora meio enferrujado, francês e inglês”. Serra concordou que era uma opção interessante e que ia apoiá-la no seu contato com a direção da AP. Resolvi dar um tempo até ter o apoio formal do partido, mas decidido a romper se insistissem na história do Estado Maior. Luiz queria voltar para o Brasil, namorando os partidos da luta armada e pronto para deixar a AP. Discuti com ele que a minha avaliação era muito pessimista e que a luta armada estava no caminho da derrota e uma volta ao Brasil naquelas circunstâncias era como marcar um encontro com a morte. Continuamos discutindo estas opções até a minha partida para a Suíça no fim de fevereiro. Marijane tendia a fechar comigo e criticava o que chamava de ilusões do Luiz.

Enquanto esperava a resposta da direção da AP, eu seguia vivendo no *hogar*, que ia aos poucos se esvaziando com a saída de vários dos 70 para outros aparelhos ou mesmo para viagens de treinamento guerrilheiro, em Cuba ou, mais tarde um pouco, na Coreia do Norte.

O comando dos 70 decidiu que devíamos usar o tempo disponível para nos prepararmos para o combate. Eu esperava

que ele seria usado para discussões políticas, em particular para avaliarmos os problemas da luta armada, que pretendia ser rural e que estava confinada na área urbana. Na Ilha das Flores travamos inúmeras discussões, envolvendo, na nossa cela 424, militantes da AP (eu e o Mario Fonseca, jornalista de São Paulo e operário em uma metalúrgica da zona norte do Rio), do PCBR (Nicolau Abrantes, membro da direção do partido), da VAR (Jaime Cardoso, ex-dirigente do movimento secundarista), do MAR (José Duarte, ex-cabo da marinha e da direção do movimento dos marinheiros em 1964 e guerrilheiro treinado em Cuba) e Jorge Vale (bancário e não partidário). Os debates sobre a viabilidade da luta armada eram constantes e lembro de uma vez em que desafiei os guerrilheiros a definirem como viam a criação de uma força armada revolucionária. Cada um falou da forma de iniciar a luta nas áreas rurais, enfatizando a necessidade de escolher regiões de difícil acesso pelas forças armadas da ditadura, como a Amazônia. Em todas as propostas tudo começava com um grupo armado externo, vindo das cidades, fazendo ações de “propaganda armada” junto aos agricultores. Era o modelo cubano do foco guerrilheiro que o Regis Debray tinha idealizado e divulgado, mais do que os escritos do Che, embora o último exemplo da aplicação desta estratégia tivesse resultado no extermínio da guerrilha na Bolívia, e na morte do Che. Mas no *hogar* não se discutia política e o comando insistiu na necessidade da preparação física.

Fui convocado como instrutor de ginástica, indicado pela turma da Ilha das Flores, onde eu tinha este papel. Todos os dias, às 6 da matina, partíamos para os amplos espaços do parque Cousiño e fazíamos uma hora de exercícios. Alguns de nós ainda nadávamos uma meia hora na piscina gelada. Depois de uma semana o grupo foi minguando e só os mais disciplinados permaneceram. No fim de um exercício, estava recolhendo o material que usávamos quando fui abordado pelo Bona, gaúcho simpático e discreto, um dos dirigentes da VPR no *hogar*. Começou por elogiar o trabalho de preparação física e me perguntou como tinha aprendido. - “Fiz muito exercício em preparação esportiva, natação e vôlei”, respondi. “E também no treinamento de contraguerrilha no Corpo de Fuzileiros Navais onde fui tenente”. Os olhos do Bona brilharam e ele passou o braço nos meus ombros e disse: - “Companheiro, precisamos conversar”. Anos depois, passado o surto militarista, eu e o Bona compartilhamos a primeira coordenação do Comitê de Anistia de Paris e aí discutimos muita política, em geral com grandes convergências. Mas no Chile os valores eram outros e o que atraiu o Bona e outros militantes da luta armada foi a minha experiência como militar.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 04

SEM TEMPO PARA MIM

Entre preparação física, incluindo corridas pelo parque Cousiño em horas matinais em que preferia estar dormindo, e namoros sem futuro, gastei boa parte dos meus 40 dias em participações em atos políticos. Esperava ser convidado pela Federación de Estudiantes de Chile, FECH, para algum tipo de atividade, mas isto nunca aconteceu.

Através dos contatos do Serra com o MAPU, partido do qual era fundador e dirigente, encontrei a garotada do movimento estudantil deste partido. A omissão da entidade máxima dos estudantes chilenos em reconhecer a minha existência tinha a ver com o domínio da FECH pelo Partido Comunista através da

JJCC, as Juventudes Comunistas de Chile. O PC chileno não via com simpatia a presença dos 70 no país. Para eles nós éramos todos perigosos esquerdistas e militaristas e eles não queriam dar palco para um de nós, mesmo para o presidente da UNE. As lideranças estudantis do MAPU me levaram de surpresa à sede da Federação, onde encontrei o presidente, Alejandro Rojas e outros dirigentes. Foi um encontro formal, embora o Alejandro fosse um tipo simpático e a conversa tenha sido positiva. Daquele mato não saiu coelho e passei a falar em faculdades nas quais o MAPU liderava. O MAPU também me levou para falar para pobladores e operários em suas áreas de maior presença política. Abstive-me de fazer a defesa da luta armada, porque esta não era a política da AP no Brasil, no que era seguida por sua contraparte chilena, o MAPU. Apesar de beneficiado pelo sequestro, um ato espetacular das organizações da luta armada, eu tinha mais do que dúvidas sobre o futuro desta opção no Brasil. Já no Chile eu não tinha a menor ideia sobre a viabilidade e/ou necessidade de uma luta armada, mas desconfiava muito de que não seria possível levar adiante a radicalidade das reformas em curso sem um enfrentamento com as forças armadas em algum momento, como ensinava a história do nosso próprio país. Os chilenos, com exceção do MIR e alguns grupos do Partido Socialista, não acreditavam na possibilidade de um golpe, apesar de ter havido uma tentativa entre a eleição e a posse de Allende. “En Chile no pasa nada”, era a frase padrão

que ouvíamos. Isto foi mudando ao longo dos anos 71/73. Os muito minoritários grupos internos do PSCh acabaram formando uma fração conhecida como Elenos, o Exército de Libertação Nacional, já na fase mais aguda das contradições políticas e militares em 1973.

O MAPU rachou entre os líderes Garretón, que defendia a preparação do enfrentamento armado com os militares e Gasmuri, que defendia uma solução política para as ameaças. Mas tudo isto estava no futuro, embora nada remoto.

A única visita fora de Santiago foi em uma comunidade de indígenas da etnia Mapuche na província de Temuco. Viajamos em um avião do governo até a capital e depois seguimos em carros por estradas cada vez piores até chegarmos a uma aldeia em uma região serrana onde fazia um frio desalmado. Tentei conversar com os meus companheiros de viagem para tentar entender a problemática econômica e social dos indígenas em geral e destes Mapuches em particular. Logo me dei conta de que eles eram “urbanóides da variedade asfáltica” e não sabiam nada do campo ou dos Mapuches, nozes fora um discurso genérico sobre exploração colonial, miséria e ausência de direitos.

A casa comunitária da aldeia era uma construção de teto baixo, com poucas e estreitas janelas e uma portinha de casa de boneca

onde eu tinha que passar abaixado e o Serra quase se arrastando. A sala estava repleta de indígenas vestidos com suas roupas típicas. Muitas mulheres, para minha surpresa. Pareciam todas muito gordas até que me explicaram que elas usavam várias saias sobrepostas e que nunca eram tiradas. Quando uma ficava em farrapos ela era arrancada e outra posta por cima. Segundo me contaram, o hábito do banho diário não era uma característica dos indígenas. O contraste com os nossos era evidente e explicável pelas as condições ambientais em que cada um vivia. No nosso calor tropical os indígenas andavam seminus e viviam tomando banho, achando um horror o cheiro dos portugueses que vieram “descobri-los”. Na serra gelada do sul do Chile as roupas e os hábitos de higiene eram outros e com boas razões.

Mas dentro daquele espaço acanhado e atulhado de gente, o calor era forte e logo todos e todas se puseram a transpirar copiosamente, eu inclusive. O cheiro que dominou o ambiente só era comparável ao do metrô de Paris na hora do rush no período do início da primavera, quando alguns dias já eram quentes, mas a calefação não tinha sido desligada e os parisienses ainda andavam cobertos de casacos e sobretudos.

O Serra começou a passar mal e pediu para sair, branco que nem papel e com um lenço na boca e nariz. Mal deu tempo para passar a portinha e vomitou. Outros dois parceiros do MAPU

também tomaram o caminho do relento, enjoados com a humanidade aromática. Aguentei o tranco junto com meu tradutor português/espanhol. O que traduzia o espanhol para o mapuche era local e não foi afetado. Segundo ele, a maioria dos homens falava espanhol ou, pelo menos, entendia um espanhol lento e bem pronunciado, mas as mulheres, em ampla maioria, só se comunicavam em mapuche.

Fiz um discurso de solidariedade com os povos originários no Chile e no Brasil e da importância do reconhecimento das suas culturas e tradições e direito a suas terras. No fundo eu não tinha muito o que dizer, já que quase não tinha ideia da problemática indígena no Brasil, e menos ainda no Chile. O tradutor para o mapuche fez uma versão do que eu disse muito mais veemente e longa e suspeito que ele reinventou o discurso. Foi um sucesso.

Entre outras peripécias, aceitei acompanhar a Nancy Mangabeira Unger, outra cidadã dos 70 com dupla nacionalidade, americano/baiana, em seu contato com a embaixada dos EUA. Fomos recebidos por um funcionário que, mais tarde, ficou conhecido como sendo o agente máximo da CIA na articulação do golpe. Tanto ele como os outros funcionários com os quais tivemos contato foram muito simpáticos, muito mais do que os suíços que me tinham recebido. Mas os sorrisos não os impediram de negar o passaporte que a Nancy solicitava.

Ofereceram um salvo-conduto para ela voltar aos EUA e lá ela poderia regularizar sua situação e receber um passaporte. Nancy não topou ir para os Estados Unidos por medo de ser presa por lá, já que tinha participado de uma tentativa furada de sequestro do cônsul americano em Recife. Saímos de mãos abanando da embaixada. Tentei convencer a Nancy de peitar a ida aos EUA, aproveitando os contatos do Serra com vários políticos e acadêmicos naquele país, de modo a fazer da sua chegada lá uma apoteose política. Nancy escarneceu da minha “ilusão pequeno burguesa”, por confiar que a CIA não ia pegá-la, legalmente ou via um atentado qualquer. Quando fui aos EUA pela primeira vez, em 1972, também me disseram que corria riscos horríveis. Intuitivamente e analiticamente eu sempre achei que supervalorizávamos a nossa importância e que a CIA provavelmente tinha mais o que fazer do que correr atrás de nós. Mas deve ser o meu desvio pequeno burguês, que o Wilson chamava de “suínice liberal”.

Naqueles dias havia um programa quase que diário em que muitos nos encontrávamos: ir receber parentes e amigos no aeroporto de Pudahuel. Eu sabia que não ia receber visitas por total impossibilidade da minha família, mas gostava de acompanhar companheiros e assistir aos encontros emocionados. Ficávamos em grupos no terraço do aeroporto, olhando o desembarque à distância e a caminhada dos passageiros em nossa direção, quando entravam nas

dependências da aduana que ficava bem debaixo de onde nos reuníamos. Em uma dessas, o Brito e o Marcão, meus eternos companheiros de aventuras, me puxaram para um canto e disseram, excitados: - “Aquele cara tá nos seguindo! Olha só como ele fica nos espionando por trás do jornal que ele finge ler. Já vi esta cara em algum lugar”. Olhei para o sujeito, mas ele não me lembrou ninguém. Não tinha pinta de chileno, nem no físico nem na maneira de vestir. - “Deve ser um agente infiltrado da repressão brasileira”, disse o Brito e partiu para abordar o cidadão, que lia distraído. Marcão sentou-se em uma cadeira de um lado e Brito do outro e eu fiquei em pé na frente do gajo. Ele baixou o jornal surpreso e logo assustado com o ar ameaçador dos dois. - “Jean, sou eu, lembra? Teodoro, da engenharia da PUC. Estivemos juntos em Ibiúna”, gaguejou ele com os olhos arregalados. Caiu a minha ficha e lembrei dele, Teodoro Buarque de Holanda e logo estávamos conversando a quatro sem problemas.

Este clima de paranoia era forte entre os 70 e foram muitas as histórias de gente que “viu” o Fleury em Santiago. Até campanhas para investigar estas aparições aconteceram. Havia os casos mais graves como o do Tito, obcecado pelo fantasma do seu algoz, o que acabou levando-o ao suicídio na França, mas gente menos traumatizada também entrava nessa pilha.

Numa destas visitas ao aeroporto acompanhei o Jaimão que ia receber a Gris, sua irmã. Encontramos um bando de brasileiros, vários dos 70, também na ansiosa espera de parentes. Nos postamos no terraço observando o avião da Varig que parou a uma boa distância e mal víamos os passageiros que desciam as escadas ao longe. De repente uma figura chamou a atenção de todos por usar uma capa preta, botas também pretas até o meio das coxas e uma saia ou short bem curto, de onde estávamos não dava para ver o que era. Foi um frisson e todo mundo começou a falar sobre aquela aparição sensacional que descia majestosamente as escadas do avião e começava a longa caminhada em nossa direção. - “É a filha do Zorro”, gritou o gaiato Wellington. - *“Es una famosa cantante colombiana que llega para el festival de música de Viña del Mar”*, soltou um chileno próximo ao nosso grupo. Mais um minutinho e o Jaimão gritou: - “É a minha irmã, porra”! Era a Gris. Ela era modelo de capa de revista e usava um figurino ultra avançado até para o Rio de Janeiro, imagine naquele Chile conservador! Eu sempre a tinha visto de jeans e camiseta visitando o irmão na Ilha das Flores ou no rapidíssimo e emocionante encontro comigo no Galeão, na véspera da partida dos 70 para o Chile.

Pensei com os meus botões: “É muita areia para o meu caminhãozinho. Será que ela ainda está apaixonada”? A sensualidade da roupa, combinada com um andar idem, foi aumentando à medida que a Gris se aproximava e logo o grupo

de brasileiros e os chilenos no terraço começaram a aplaudir e acenar para ela. Assim que entrou no prédio descemos para esperar a abertura das portas da aduana. Havia um monte de gente esperando, inclusive vários de repórteres e fotógrafos, justamente porque havia o festival de Viña e chegavam celebridades do mundo da música. As portas correram e a Gris veio direto em minha direção e me abraçou. Foi um abraço/beijo espetacular, digno de filme, até que fomos cercados por jornalistas que queriam entrevistar a “celebridade”. Abrimos caminho pela multidão, com o Jaimão meio vexado com a total falta de atenção da irmã. Depois foram “*days of wine and roses*”, esquecendo do mundo, do futuro e do passado para viver apenas aquele brevíssimo presente. Pena que durou tão pouco e logo estávamos nos despedindo e eu partindo para a Europa na minha nova missão. Um raio de luz e ternura no universo duro e racional da militância que exigia tudo de nós e tudo entregávamos.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 05

O TANCAÇO

Vou pular a minha passagem pelo Chile em julho/agosto de 1972. Foi uma visita totalmente voltada para questões internas da AP. Estivemos imersos em reuniões, discutindo o iminente racha do partido, com a maioria da direção no Brasil propondo a adesão ao PCdoB, posição rejeitada pela quase totalidade da base do exterior, incluindo figuras históricas da AP, como Betinho, Serra, Iza Guerra, Silvio Almeida, Ana Galano, Marcos Arruda, Wellington Moreira Franco, José Barbosa (a maior liderança do partido no movimento operário), eu e a base de gente mais nova que estava no Chile, incluindo Ricardo Azevedo. Foi um debate interessante por colocar uma opção sobre o futuro programa do que veio a ser a AP Marxista Leninista. A maioria dos que rejeitaram a opção de entrada no partido

maoísta (e que implicava em uma rejeição do próprio maoísmo), defendia uma posição de luta pelo socialismo, enquanto a minoria (majoritária no exílio) defendia uma tática de luta pela democracia. Deu em outro racha, com os históricos de um lado e os “novos” de outro. Mas isto não tem a ver com a experiência chilena e por isso mesmo não vou tratar dela aqui.

Em julho de 1973 voltamos a nos reunir no Chile para enfrentar o novo racha, entre os que ficaram na AP, opondo figuras como Betinho e Serra de um lado e Reinaldo Azevedo, representando no exterior a corrente liderada pelo secretário geral da AP no Brasil, Jair Ferreira de Sá, o Dorival. O debate interno não tem interesse neste momento e ele foi atropelado pelos eventos ocorridos no Chile, com a tentativa de golpe conhecida como “tancaço”.

Para quem estava à margem da realidade chilena, como eu, mergulhado nas reuniões internas da AP, o tancaço foi como um raio em céu limpo. Aparentemente do nada um regimento de tanques do exército chileno atacou o palácio da Moneda, sede do governo de Allende. As forças de proteção resistiram e, logo depois, o presidente foi para uma transmissão em cadeia de rádios conclamar à resistência. “*Vengan a la Moneda con lo que tengan*”, foi a frase eletrizante de Allende que me ficou na lembrança e que foi manchete dos jornais do dia seguinte. As massas populares de Santiago começaram a se mobilizar e

mandar grupos cada vez maiores, armados com pistolas, fuzis de caça, facas, machados e paus, cercar os militares que atacavam o palácio. Antes que o povo entrasse em choque com os militares, Allende deu um passo atrás, a meu ver fatal para o futuro. *“Los militares golpistas fueron controlados por el ejército chileno y se rindieron. Vuelvan a sus lares, compañeros”*, lançou o presidente pela cadeia de rádios. Nestes breves minutos ou horas se jogou a sorte do regime. Se o povo tivesse enfrentado os insurrectos naquela conjuntura, a maré popular seria muito mais difícil de conter. Ao deixar que o exército controlasse os golpistas, Allende seguiu na sua senda legalista que o levaria ao desastre do dia 11/9. Mas isto é só uma opinião pessoal e discutível.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Allende chamou uma manifestação de protesto na Alameda e todos fomos participar. Apesar de uma convocação de última hora, foram centenas de milhares de manifestantes em clima de excitação e prontos para uma ação mais ofensiva (mas qual?). Fui para a manifestação com o Gabeira e Vera Silvia, na casa dos quais eu estava hospedado com uma namorada brasileira que não era exilada e que foi minha amiga até morrer há poucos anos, Federica. As brasileiras minhas amigas exiladas foram cruéis com a Federica e a apelidaram “Federica, na que ver”. Isto porque ela não era militante nem tinha pedigree de esquerda. Mas ela se tornou de esquerda sem jamais perder a sua autenticidade e até inocência.

Preocupado com os possíveis desdobramentos da tentativa de golpe, eu (machistamente, reconheço) a mandei de volta para o Brasil no dia seguinte e só fomos nos rever depois da anistia em 1979.

A manifestação pró governo no dia do tancaço foi uma espécie de contrapedal por conter um enfrentamento que, naquele momento, tinha alguma chance de dividir as FFAA chilenas. Mas nos cordões industriais de Santiago, os operários tomaram a ofensiva e ocuparam as fábricas, exigindo a nacionalização da produção. Os partidos de esquerda tinham seus redutos bem demarcados nos cordões. O do MAPU era o cordão Cerrillos. Fui levado, dias depois do tancaço, a uma fábrica onde operava um “comando militar” do MAPU (fração Garreton). Apresentado como especialista militar, fui incorporado a um grupo de assessores, todos estrangeiros: um uruguaio, um dominicano, um colombiano e eu, se bem me lembro. Discutimos com os chilenos como enfrentar uma tentativa de golpe e a balbúrdia político militar foi enorme. “Vamos para os montes”, dizia o colombiano. “*Ataquemos los militares em acciones de guerrilla urbana*”, dizia o uruguaio. Não me lembro o que dizia o dominicano, mas os chilenos tendiam a organizar a defesa das fábricas contra eventuais ataques das FFAA. Eu não tinha calibre para aquelas discussões, mas o bom senso me indicava que “os montes” era uma bobagem, pois os contrafortes dos Andes, totalmente áridos e desprovidos de vegetação eram

inteiramente impróprios para qualquer operação militar guerrilheira. Por outro lado, fazer guerrilha urbana contra uma força armada íntegra e coesa era ir sendo massacrado aos poucos. Mas a pior proposta, para mim, era a defesa das fábricas. Um agrupamento militar irregular, com baixo poder de fogo, defendendo estaticamente prédios fabris contra forças com tanques, canhões e aviação, era um suicídio. Os chilenos diziam que os militares não ousariam destruir o aparato produtivo capitalista. Bobagem. O que importa é o poder, o resto se recompõe. O que eu defendi era uma ofensiva de massas cercando os quartéis e apelando para os soldados. Isto já tinha sido feito com sucesso em outras circunstâncias menos dramáticas. Os soldados confraternizaram com o povo e nada se passou. Deixar a iniciativa para o inimigo militar era a pior ideia possível, mas foi a posição adotada.

Nos dias que passei no Cerrillos, cansei de assistir os militantes organizando formações de operários para fazer exercícios de ordem unida: *“derecha, volver; izquierda volver; en frente, marchen; alto”*. Horas a fio. Era uma idiotice, mas era o que os militantes sem qualquer experiência identificavam como uma “preparação militar”. O armamento era ultraprecário: pistolinhas, fuzis de caça, um ou outro fuzil de guerra. E muita produção de molotovs e minas com dinamite, certamente mais perigosas, até para quem as manjava. E foi com isso que os cordões resistiram por até quatro dias às forças do exército e

carabineiros, como o Reinaldo pôde testemunhar e participar na fábrica Yarur. Enquanto isso, dentro dos quartéis e navios da esquadra de guerra, centenas, senão milhares, de soldados e marinheiros enfrentaram os golpistas até serem exterminados.

Mas tudo isso veio depois. Naqueles dias eu fiquei envolvido com a ideia de uma possível resistência, que só seria viável se as FFAA chilenas se dividissem. Acreditando nesta aposta, decidi tomar um outro rumo na minha vida. O Chile era o que se poderia chamar de último baluarte progressista e democrático na América Latina. Defender este espaço era, do ponto de vista estratégico, mais importante do que o que eu pudesse fazer pela revolução brasileira. No auge da excitação pós tancaço, decidi me integrar na revolução chilena. Do ponto de vista prático isto implicava em voltar a Paris e entregar as minhas responsabilidades para outros militantes da AP, antes de mergulhar no torvelinho revolucionário chileno. E foi o que fiz.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 06

PROCURANDO A INTEGRAÇÃO NA REVOLUÇÃO CHILENA

Ao voltar para Paris, duas semanas após o Tancaço, me reuni com os militantes da base da AP na Europa para comunicar a minha decisão de voltar ao Chile o mais rápido possível para me integrar na resistência ao golpe que já se previa para breve. Foi uma discussão difícil que chegou a ser áspera. Silvio Almeida, que estava na Argentina no momento da tentativa de golpe e tinha regressado a Santiago pouco depois da minha partida, trouxe uma avaliação bastante pessimista do quadro político por ele observado em apenas uma semana a mais no país. Segundo ele, após um recuo imediato dos golpistas, a direita tinha retomado a ofensiva em todas as frentes, desde os “paros” na economia e nos transportes até uma crescente repressão nos quartéis, bases navais e aéreas, passando por atentados do grupo de extrema

direita Pátria e Libertad. Informado pelo Serra, membro do governo e dirigente de um dos partidos da Unidade Popular, o MAPU, Silvio apontou para a tentativa de Allende de encontrar uma forma de desarmar o confronto com os militares, mas a pressão da caserna sobre o legalista comandante do Exército, general Carlos Prats, levou à sua renúncia, sendo substituído pelo general Pinochet, que viria a comandar o golpe.

A discussão acabou com o Silvio aceitando a minha decisão, mas me pedindo que, antes de me enfronhar de novo nos cordões industriais e seus preparativos para o enfrentamento, eu me desse um tempo de três dias e olhasse de perto o panorama político para ver se havia alguma chance do golpe não ser um massacre. Jurei de pés juntos que faria isso. Passei as minhas tarefas e contatos da AP para o Silvio e a Ana Galano (que me acusou, sem papas na língua, de aventureiro) e fui até Friburgo (Suíça) me despedir da família do meu pai. As velhas tias ficaram preocupadas com a minha partida inopinada para o Chile, mesmo com a minha cândida e falsa afirmação de que pretendia estudar economia na Escolatina, mas fizeram uma coleta para me ajudar na nova empreitada e saí com 3 mil dólares no bolso. Silvio também me passou outro tanto em recursos da AP, condicionados a uma aplicação na retirada da base do partido em Santiago, caso a situação degenerasse, levando todo mundo para a Argentina. Era muito dinheiro no Chile, onde a taxa de

câmbio negro do dólar estava em ascensão vertiginosa estimulada pelos “*platudos*” e pela ação da CIA.

Nas despedidas na Suíça lembro em especial do jantar com a família Emmery, Paul e Marguerite. Ele era um líder sindical dos transportes urbanos em Genebra, equivalente aos nossos bondes aqui no Rio de Janeiro, e um raro militante do Partido Comunista da Suíça. Depois de assistir uma conferência que eu fiz em 1971, em Genebra, Paul aderiu ao nosso comitê de solidariedade com a luta do povo brasileiro, apesar do nariz torcido dos seus chefes partidários que me viam como um perigoso subversivo. Ficaram muito amigos do Zé Barbosa e depois de toda a família do Zé, quando ele voltou para o Brasil. Neste jantar o Paul, que já era um cinquentão avançado, serviu uma dose de aguardente de pera, fabricada caseiramente com peras do quintal. Era uma Poire espetacular, digna de ser tomada pelo seu mais famoso apreciador, no Brasil, Ulisses Guimarães. Depois de todos provarmos um pouco, ele selou a garrafa e escreveu no rótulo o meu nome e a data daquele dia. E prometeu: - “Se vocês fizerem a revolução eu irei levar a garrafa até onde você estiver. Se não a fizerem sempre podes voltar aqui para bebê-la”. Por razões que não cabem aqui, só voltei para tomar a poire dez anos depois.

Em Paris foram várias despedidas, inclusive uma mais íntima com uma namorada uruguaia que me disse ser um disparate a minha

“romântica aventura de brigadista internacional” e deixou claro que não tinha essa de me esperar. Moça de muito bom senso. Entre outras celebrações, lembro de uma, sobretudo pelo vaticínio que um amigo angolano fez sobre as duas revoluções que nos interessavam: no Chile ele achava que as chances de haver uma guerra civil com um racha nas Forças Armadas era grande, enquanto na sua Angola ele achava que o MPLA, do qual era dirigente, estava derrotado e que a única chance era negociar uma paz que permitisse um mínimo de legalidade para os militantes nacionalistas. Isto foi em agosto de 1973. Em menos de um mês caiu o governo chileno sem a projetada guerra civil. Em menos de 8 meses caiu o regime salazarista e com ele o império português do ultramar e o Zé Gonçalves, conhecido por nós da AP como o Zé Angolano, foi parar no primeiro ministério do novo governo do MPLA. O Zé provou não ser muito bom de prognósticos...

Para poupar os meus recursos, procurei a forma mais barata para chegar a Santiago e descobri um caminho tortuoso e longo: fui de trem para Luxemburgo e de lá de avião para a Islândia, não me lembro por qual microempresa. De Reykjavik voei pela Icelandic Airlines, da qual nunca tinha ouvido falar, até Nassau, nas Bahamas. De Nassau, após dois dias de espera por uma conexão, voei para Santiago, via cidade do México, por uma empresa mexicana. Nos meus cálculos, incluindo as despesas de estadia em Nassau e a alimentação ao longo deste esticado

trajeto, economizei a metade do custo de uma viagem direta de Paris, via Miami ou Cidade do México, pela Air France.

Cheguei em Santiago ao final da manhã do dia 3 de setembro, a exatos 8 dias do golpe de Estado. Vai errar o timing assim no raio que me parta! Fiz o longo trajeto de táxi de Pudahuel até as Torres de San Borja, quase na praça Itália e bem perto do centro, onde eu fiquei hospedado em um apartamento dividido pelo casal Luiz Travassos e a Marijane Lisboa e o então solteiro José Duarte dos Santos, todos grandes amigos. Na conversa com o taxista, que não era “momio”, mas tinha críticas à esquerda, fui percebendo uma sensação de exasperação/desespero. Segundo ele, um golpe militar já estava em marcha e ele temia por seus filhos sindicalistas radicalizados. Pensei com os meus botões: “será um caso representativo?” e torci para que não fosse. Mas ao chegar no meu destino, meus amigos assumiram as mesmas preocupações, noventa e nove fora não terem filhos. No mesmo dia, encontrei com o Serra e o Betinho e ambos buscaram me tranquilizar. Não chegaram a assumir o bordão do *“en Chile no pasa nada”*, mas deram um spoiler do que o Allende ia fazer em mais uns dias: declarar estado de emergência e chamar uma eleição parlamentar geral. Segundo eles, isto esvaziaria o golpe e conduziria a crise para um desfecho político, possivelmente com o afastamento legal de Allende, mas com a manutenção das instituições democráticas e um poderoso instrumento político, a Unidade Popular, com forte presença no futuro parlamento. Por

puro espírito de porco, eu argumentei que, se fosse da direita chilena, não trocaria um golpe que limparia a sociedade da militância de esquerda por uma “solução parlamentar” que manteria o poder de choque daquilo que a imprensa momia chamava de escória comunista. Ambos os meus interlocutores desprezaram meus argumentos, afirmando que eu não tinha ideia do peso quase sagrado das tradições democráticas no país. Quando apontei para a gravidade da saída do general Prats do comando do exército, me foi assegurado que o seu sucessor (Pinochet) era do mesmo calibre! Também afastaram as minhas preocupações com o que tinha lido na imprensa europeia antes de viajar, repercutindo rumores de expurgos em curso dentro dos quartéis e, sobretudo nos navios da Armada. Segundo meus amigos tratava-se de exageros e fofocas (Fake News). Encontrei nos dias seguintes meus conhecidos do MAPU e a sensação de desorientação foi ficando cada dia mais forte. Havia uma grande expectativa com uma super manifestação convocada pelos partidos da UP, na prática convocada pelo governo. Se não me enrolei nas datas, acho que ela foi no anoitecer do dia 5 ou 6. Opiniões de vários lados diziam que era o momento decisivo para barrar o golpe e fui participar para ver como isto ia acontecer.

A Alameda Bernardo O’Higgins foi invadida por, segundo alguns cálculos, certamente exagerados, um milhão de pessoas. Seria algo como 10% da população do país e um terço da população da capital! Mas mesmo “cortando o rabo do jacaré” a multidão

era gigantesca e eu nunca tinha visto nada parecido no Brasil, nem no comício do dia 13 de março de 1963 ou nas marchas da família com Deus pela liberdade, versão católica das equivalentes neopentecostais dos dias de hoje. Era um mar de bandeiras e faixas com consignas contra o golpe e pela continuidade das reformas promovidas pelo governo de esquerda. A ultraesquerda se fez representar, com as alas do MIR formadas em ordem militar, marchando com passo ritmado e gritando a consigna: *“Pueblo, consciência, fuzil, MIR, MIR”*. Os comunistas também se apresentaram em fileiras compactas, sobretudo os jovens das JJCC que gritavam a palavra de ordem que dominou a manifestação: *“Allende, Allende, el pueblo te defiende”*.

O discurso do Allende, que se fez acompanhar no palanque pelos três comandantes das FFAA e dos carabineiros, me pareceu confuso e cauteloso, com apelos à paz e manifestações de confiança nos militares. Os quatro milicos foram apresentados pelo presidente ao povo, com pedidos de aplausos que foram respondidos com entusiasmo pela maioria, esmagando as vaias dos miristas. Me preocupou, sobretudo, a ausência de qualquer consigna indicando o que fazer no caso de uma tentativa de golpe.

Depois da manifestação encontrei-me com um grupo de exilados em um local no centro que não consigo localizar. Era um dos muitos grupos de debate político de brasileiros e dele faziam

parte o Serra, o Betinho, o Airton Fausto e vários outros intelectuais da nossa esquerda. O clima era de euforia e lembro de um deles dizer, com acenos aprovativos dos outros: “o golpe, pelo menos por um tempo, foi afastado por esta manifestação”. No jantar com o Serra e o Betinho depois da reunião, eles completaram a análise com a já citada decisão de Allende convocar eleições extraordinárias, a ser anunciada nos próximos dias. Ao dizer que multidões desarmadas não seguram golpes militares fui criticado por todos. “Não é a ação física das massas o que interessa, mas o impacto político do apoio ao Allende sobre a soldadesca”, foi a resposta. Lembrei que em dois momentos em que houve uma ameaça as massas foram convocadas a agir: no tancaço e em um outro episódio em que o povo cercou pacificamente os quartéis e confraternizou com os soldados. Agora não havia qualquer orientação sobre o que fazer. A posição do governo era defensiva e ele transmitiu esta postura para os manifestantes. Pior ainda, declarou-se um voto de confiança nas FFAA. Meu pessimismo não afetou meus companheiros, mas eu tomei a decisão prometida ao Silvio: devíamos retirar a base da AP para Buenos Aires. O grupo dissidente do partido, composto por gente muito mais nova do que os capos históricos da AP que estavam no Chile, concordou com a ideia depois de muita discussão e ficamos de marcar as viagens começando já na semana seguinte. Eu partiria na frente para organizar o apoio na chegada à Argentina e comprei minha

passagem para o dia 12 de setembro. Tive ainda uma discussão com o Serra, num jantar na casa dele, no dia 8, se não me engano. Ao chegar deparei-me com grupos de militantes de direita agrupados em cada esquina da rua, sem saída, onde o Serra morava. A casa dele era uma das últimas e ele estava, literalmente, no fundo da armadilha. Serra nem quis ouvir falar de sair do Chile e disse confiar na “*muñeca*” do Allende, isto é, na sua capacidade de conciliação e habilidade política. Implorei para que ele, pelo menos, saísse daquele lugar por uns dias, até a “*muñeca*” mostrar seus efeitos. - “Você vai ser preso pelos seus vizinhos”, cuja hostilidade eu tinha sentido ao caminhar em direção à casa do meu amigo. Serra não disse nada, mas acabou aceitando o conselho e saiu de casa no dia 10, indo se instalar em um apartamento no centro. Foi o que o salvou no dia do golpe, quando os vizinhos invadiram a casa dele e a saquearam.

Apesar do clima pesado, sobretudo no apartamento do Luíz, da Mari e do Duarte, fomos dormir no dia 10 sem preocupações particulares para o dia seguinte, quando Allende faria sua declaração pela saída eleitoral. Apesar de todo o meu pessimismo, o golpe no dia seguinte me pegou de surpresa.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 07

OS DIAS DO GOLPE

Acordei com o ruído dos aviões da Força Aérea chilena, sobrevoando a cidade em rasantes. Pulei da cama e encontrei a Mari e o Luiz tão assustados quanto eu. “É o golpe”, dissemos quase que em coro. Duarte já tinha saído para o trabalho e ficamos preocupadíssimos, pois ele estava empregado na Controladoria General, cujo prédio ficava ao lado do palácio de La Moneda. Estava no olho do furacão. Resolvemos ir até lá, para ver o que o Allende estava fazendo para enfrentar os milicos e, se possível, nos juntarmos à resistência. E esperava uma convocação do presidente tal como no Tancaço: *“vengan a la Moneda con lo que tengan”*. Nós não tínhamos nada como armamento, mas sabíamos que o Duarte tinha uma pistola

Walter que não encontramos. O Zé a levou com ele, não sei se por hábito ou por intuição.

De mãos abanando caminhamos em direção a Alameda e logo nos deparamos com um choque de carabineiros fechando a rua a umas cinco quadras do palácio. Podíamos ver, à distância, tropas do exército atirando contra o palácio. De onde estávamos não podíamos ver o La Moneda, que ficava um tanto recuado, mas devia haver resistência pois os soldados estavam buscando posições pouco expostas a tiros.

Os carabineiros ameaçavam quem chegava e mandavam todos se retirarem, indicando que a corporação da polícia do Chile tinha aderido ao golpe. Soubemos depois que houve resistência dentro dos quartéis que duraram horas e com muitos mortos e feridos. Nos retiramos para uma esquina de onde ficamos, junto com populares também desarmados, espiando discretamente. Quando o número dos nossos aumentava, os carabineiros avançavam e forçavam um recuo para a esquina seguinte. Na verdade, éramos poucos neste vai e vem por perto do bloqueio. As massas não tinham sido convocadas ou não tinham conseguido se deslocar, pois não havia transporte público funcionando. Ou porque perceberam que não teriam chance de fazer nada.

Um dos populares tinha um radinho de pilha e formou-se um grupinho escutando as transmissões das rádios progressistas. Foi assustador constatar que uma atrás da outra, elas foram sendo tiradas do ar. Mais e mais rádios proclamavam ameaças contra qualquer resistência, afirmando que as FFAA chilenas tinham decidido acabar com a “anarquia comunista” e afastar o presidente.

Neste ponto, a minha memória de elefante falha. Os tempos e locais se confundiram e não me lembro se ouvimos o bombardeio ali ou mais tarde, quando nos retiramos do Centro. Mas lembro que ouvimos em um outro radinho de um companheiro de infortúnio uma parte do discurso do Allende, irradiado por uma emissora que, depois soubemos, estava instalada no próprio palácio. Ouviam-se os tiros de metralhadora e explosões durante a transmissão. Não consigo separar o que ouvi naquele momento, do que ouvi depois, nas gravações que imortalizaram a despedida comovente de Allende. Mas ficou claro que o presidente dava o jogo por perdido e anunciava que morreria em combate, sem apelo ao povo para resistir, certamente por considerar que seria um massacre sem qualquer capacidade para reverter o golpe.

Decidimos que era hora de encontrar a Mari e planejar o que fazer. Ao chegarmos no prédio da Torre San Borja encontramos no elevador com três figuras: um baixinho ruivo e com um rosto

vermelho e dois mulatos altos. Luiz e o ruivo se cumprimentaram com um aceno de cabeça e os três desceram em um andar abaixo do nosso. Luiz reagiu imediatamente: - “Este cara é o Piñeiro, chefe da G2 cubana, nos conhecemos em Havana, os outros devem ser seguranças dele”. A G2, a unidade de inteligência do governo cubano, era um alvo evidente para os golpistas e o Luiz achou que devíamos abandonar o nosso apartamento e buscar um lugar menos queimado para nos abrigarmos. Mari concordou com as nossas conclusões e foi arrumar uma malinha com coisas básicas. Enquanto isso, eu e o Luiz discutíamos o que fazer. Eliminada a hipótese de nos juntarmos a uma resistência que parecia claramente fadada ao desastre, nos perguntamos se não era o caso de irmos para uma embaixada. Objetei, equivocadamente como verificamos depois, que os milicos cercariam as embaixadas para impedir a fuga dos que queriam prender. Raciocinamos como se estivéssemos no Brasil, com um regime militar instaurado e um aparato repressivo organizado. Não foi assim por algum tempo. Se as embaixadas estivessem cercadas, o que nos restava era tentar chegar na fronteira com a Argentina e, para isso, precisávamos de dinheiro. Eu tinha dólares, mas Luiz achou que era melhor lidar com moeda local para não chamar a atenção para nós. E fomos trocar dólares por escudos com um doleiro que ele conhecia e que morava por perto.

Ao tocarmos na porta do doleiro ainda se ouviam bombardeios e tiroteios e o dito cujo abriu uma portinhola e nos ameaçou com uma pistola. Luiz se identificou e disse que queria apenas trocar dólares e a porta abriu-se. O doleiro estava nervosíssimo (acho que ele temia que o fôssemos assaltar) e fez a troca às pressas, sem discutir a taxa de câmbio, que estava perto dos 4500,00 escudos por dólar. Era uma burrada da parte dele, pois com o golpe era óbvio que esta taxa ia cair, como de fato caiu, em poucos dias, para um quarto deste valor. Troquei, por total falta de bom senso, cinco mil dólares, e saí com uma maleta de dinheiro contendo milhões de escudos. Recuperamos a Mari na porta do prédio e fomos caminhando na direção oposta ao centro. Ao passarmos por um outro prédio das Torres, vimos um grupo de soldados montando um cerco e logo ouvimos tiros e uma explosão. Saímos correndo e chegamos esbaforidos na Irárrazabal. Soubemos depois que tinha sido uma operação de um comando militar para pegar o chefe da Investigaciones, o socialista Coco Paredes, morto resistindo à prisão. Foi na Irárrazabal que a Mari lembrou que ali perto morava um casal de amigos deles, o Amarílio Vasconcelos e sua mulher Carmem. Ele era do PCdoB e tinha passado anos na China como responsável pelo programa em português irradiado para o Brasil pela rádio Pequim. Estava no Chile há um ano. Morava em um apartamento superior de um prédio de dois andares e nos recebeu sem discutir os riscos de abrigar “estranhos” nestas circunstâncias,

pois o dono do apartamento morava no andar de baixo e era um momio de quatro costados, segundo o Amarílio.

Depois de nos instalarmos, ficamos discutindo se haveria resistência em algum lugar do Chile e se todas as unidades das FFAA teriam aderido ao golpe. Amarílio dizia que o PCdoB tinha informações de que as unidades do sul do Chile, em Concepción, eram firmes apoiadoras de Allende e que elas poderiam formar uma base de resistência. Como se soube mais tarde era tudo o que os ingleses chamam de “wishfull thinking”. Vimos na televisão, pouco tempo depois (aqui também a memória se confunde em relação ao timing) o pronunciamento dos quatro oficiais comandantes, anunciando a derrubada do governo, a morte por suicídio de Allende e a ameaça de fuzilamento de quem fosse pego com armas. Era o primeiro dos “bandos”, palavra chilena para decretos militares. Também não lembro em qual dos bandos foi dada a ordem para todos os estrangeiros se apresentarem ao posto de carabineiros mais próximo, sob pena de fuzilamento no caso de desobediência. Mais tarde começaram a sair outros bandos com nomes de pessoas que deveriam se render imediatamente. Eram líderes da Unidade Popular, membros do governo e alguns estrangeiros, mas não me lembro quem eram.

O dia foi passando, mas os tiroteios não paravam. Caminhões e jipes do exército passavam para lá e para cá na Irárazabal, mas

nenhum carro particular ou transporte público. Lá pelo meio da tarde veio a ordem do toque de recolher por tempo indeterminado. O nome em espanhol é toque de queda e soava sinistro em português. Estávamos presos naquele apartamento e rezando para o vizinho de baixo não ter notado a nossa presença na residência do Amarílio e para que não tivesse telefone para denunciar o próprio Amarílio.

A Carmem não estava bem de saúde e quase não saiu do seu quarto nos três dias do toque de recolher. Amarílio juntou-se a nós e passamos o tempo especulando sobre resistências, rotas de fuga e nos preocupando com amigos e amigas de quem nada sabíamos, em particular o Zé Duarte, que certamente estava dentro do cerco do La Moneda. Não me lembro se o Amarílio tinha telefone, mas a maior parte dos brasileiros conhecidos não tinha e ficamos isolados por três dias.

Jantamos frugalmente, pois as reservas alimentares da Carmem eram restritas dada a prolongada crise de abastecimento provocada pelas greves dos caminhoneiros. Além disso, as bocas mais que dobraram e não sabíamos por quanto tempo ficaríamos impedidos de sair. Todo mundo foi dormir cedo, esgotados pelas emoções e pela tristeza com o fim de uma experiência de transformação social e de participação política muito além das que tínhamos vivido no Brasil. Lembro do Luiz dando boa noite e comentando baixinho: “esperemos que não

seja um Jacarta”. Jacarta era o nome de batismo do golpe militar mais brutal daquela época, ocorrido na Indonésia em 1965 e que tinha matado 500 mil “comunistas”, a maioria militantes camponeses defendendo a reforma agrária. A direita chilena, nas semanas antes do golpe, pichou Santiago com esta ameaça sintética: “JACARTA!”.

Apesar de cansado, não conseguia dormir, instalado em um sofá na sala. Resolvi escrever as minhas sensações e os fatos do dia tanto para não esquecê-los como para passar o tempo. Até alta madrugada ouviam-se tiroteios em diferentes direções, uns cessando e outros começando. Parecia que uma espécie de guerrilha urbana estava em curso e eu torcia para que a malfadada tática de “defender os cordões industriais” tivesse sido abandonada. Não que eu achasse que esta aparente guerra de movimento pudesse ter sucesso, mas pelo menos permitiria um recuo dos combatentes quando ficasse evidente que não tinham chances. A defesa estática seria um massacre anunciado. Como foi e relatarei mais adiante.

Lá pelas tantas ouvi um tiro isolado, vindo dos fundos do prédio. Fui até a cozinha e vi pela janela um mar de barracas baixas que se estendia na escuridão total. Se não me engano estávamos justo ao lado do mercado municipal, uma ampla área que, com o toque de queda, estava totalmente vazia. O tiro me pareceu de uma pistola de baixo calibre, um 32 possivelmente. Ao

terceiro destes tiros veio uma reposta barulhenta de fuzis-metralhadoras e fez-se um silêncio por uma meia hora. Eu já dava o combatente solitário por morto quando ouvi outro tiro, um pouco mais distante no horizonte escuro do mercado. E novas rajadas furiosas. Estava em curso uma guerra singular. Luiz acordou com o barulho e veio se juntar a mim no meu posto de observação. Apelidamos o heroico combatente de “samurai louco”. Ele devia conhecer bem os meandros do mercado porque atirava uma ou duas vezes de um lugar e logo de outro mais longe ou mais perto de nós. Neste combate de sons, nunca vimos nem o samurai nem os soldados com quem ele trocava tiros. E torcíamos por ele a cada silêncio mais prolongado. A ação deste anônimo personagem era totalmente inconsequente do ponto de vista prático, mas acredito que se tratava de uma atitude de revolta pessoal, sem pretensões a nada mais do que vingar a derrota maior. O samurai calou a sua pistolinha quando começou a amanhecer, mas nas duas noites seguintes ele voltou a agir. Até hoje não sei se escapou, mas quero crer que sim.

Os dias seguintes foram longos e angustiantes. Víamos passar caminhões carregados de corpos de civis e ouvíamos os combates cada vez mais distantes, indicando que estavam concentrados nos cordões industriais e nas poblaciones. Não vimos tropas a pé nas nossas redondezas, o que confirmou a impressão de que o centro da cidade estava dominado, mas volta e meia explodiam tiroteios na direção da praça Itália. Cada

dia mais raros. Para passar o tempo e por curiosidade, eu atraí o Amarílio para contar a sua experiência na China, onde ele chegou em 1964 e de onde saiu em 1972, se não me perdi nas datas, como costuma ocorrer. Talvez porque estivesse com a cabeça em outro lugar, lembro muito pouco destas conversas e olha que elas foram longas. O que ficou foram as descrições e comentários do Amarílio sobre a Revolução Cultural. Sob um discurso de aprovação deste processo, o que era a posição oficial do PCdoB, percebi nuances e reticências do meu interlocutor. Quero crer que ele, lá no fundo, era mais simpático ao derrubado secretário geral do PCC, Liu Chao Chi, do que ao presidente Mao. Falava muito bem do Chu En Lai, mas quem é que não admirava este superquadro da revolução chinesa? Também mencionou uma relação de amizade com Deng Hsiao Ping, outro dos expurgados na revolução cultural, mas que teve um retorno triunfante para assumir o poder depois da morte de Mao. Em 1972, criticar a revolução cultural era um crime de lesa pátria para um militante de um partido maoísta. Mas os dirigentes do PCdoB eram uma caixinha de surpresas e eu me lembro de ter ouvido o Arrudão (Diógenes de Arruda Câmara) defendendo o Lin Piao, mesmo depois dele ter tentado fugir da China e morrido em um desastre de avião na Mongólia, acusado de traidor da revolução.

O apartamento do Amarílio era um verdadeiro museu de artefatos chineses, muitos bastante antigos. Dos vários que vi o

que mais me impressionou foi um baú que não tinha fechadura. A tampa era composta por peças de madeira finamente trabalhadas e que se encaixavam umas nas outras com vazios que permitiam deslocar as peças e ir mudando o desenho que a decorava. O baú se abria quando uma determinada combinação destas peças se encaixava e eu passei a segunda noite do toque de recolher tentando achar o desenho certo, enquanto ouvia os tiroteios do samurai louco no mercado municipal, que diziam aos milicos que nem tudo estava dominado. O segredo chinês ficou sem solução, por mais que eu tentasse reordenar as peças. Amarílio me contou que tinha ganho todas aquelas lindas e preciosíssimas peças de amigos chineses que, sabendo que iam ser atacados pela Guarda Vermelha, entregavam as suas melhores obras para salvá-las da destruição “cultural”. Amarílio ficou como curador destas maravilhas, na expectativa de que um dia os proprietários viriam buscá-las, mas isto não ocorreu e ele preferiu levar tudo com ele ao sair da China. Como representante de um “partido irmão” estrangeiro, Amarílio não foi ameaçado pela sanha dos guardas vermelhos, que tinham especial prazer na destruição da “arte burguesa”. E tudo isto se perdeu no golpe do Chile, quando o Amarílio teve que deixar o seu apartamento às pressas para se refugiar na embaixada Argentina. Quem terá se apossado daquele incrível baú?

Na manhã do terceiro dia do toque de queda saiu um novo bando suspendendo as restrições à circulação até as seis horas

da tarde. Mari, Luiz e eu agradecemos a corajosa acolhida do Amarílio e da Carmem e saímos em seguida, não sem antes cortarmos as barbas que usávamos e que eram sinônimo de simpatia comunista. As pessoas andavam apressadas nas ruas, sobretudo procurando comprar comida e remédios. Passamos por várias pessoas carregando malas, muitas com um ar de desespero de quem não tem para onde ir. Nós tínhamos as nossas malinhas e tínhamos para onde ir. Luiz e Mari foram para o apartamento onde a Márcia (Savaget), amiga desde os tempos do Teatro Universitário Carioca, presa no mesmo aparelho que eu e a Mari e levada para a Ilha das Flores. Era também ex-companheira do Zé Duarte. Eu fui direto para a embaixada da Suíça, tentar conseguir asilo para os meus amigos. Ficamos de nos encontrar no apartamento da Márcia.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 08

O CAMINHO PARA FUGIR DO CHILE

A partir deste ponto as minhas memórias do Chile deixam de ter a precisão dos capítulos anteriores. Os 25 dias em que fiquei no Chile, desde a suspensão do toque de recolher no dia 14 de setembro até a minha partida para a Argentina no dia 9 de outubro, estão misturados na minha lembrança. Lembro com muita segurança de episódios que foram marcantes, mas a ordem em que ocorreram e uma série de eventos mais corriqueiros são menos precisos. Já recebi correções de compas com quem compartilhei alguns deles. E peço que aqueles que esqueci de mencionar ou os que têm lembranças diferentes me corrijam. Para dar um exemplo, Marijane me disse que ao sair do

apartamento do Amarílio, fomos para o da Márcia e que fizemos compras em um supermercado, com alguns sustos e evitando falar para que outros fregueses, momios eufóricos com o golpe, não nos identificassem como estrangeiros. Não lembro de nada disso. Como não lembro da infinidade de apartamentos e casas onde me abriguei ao longo desta jornada. E vários dos nomes das pessoas que me ajudaram também sumiram da memória. Por essas razões, vou tratar dos episódios que lembro bem um a um, sem ordem e à medida que os recordo. São os que dão melhor dimensão dos dias e noites intensos e dramáticos que vivi.

Desde logo, queria esclarecer alguns mitos criados por pessoas que escreveram livros e artigos, citando a minha iniciativa de apoiar compas que procuravam uma saída do inferno chileno. O mais conhecido é o Gabeira. Fernando escreveu, na primeira página do seu famoso livro “O que é isso, companheiro” que eu teria ajudado mais de mil pessoas a se refugiarem em embaixadas. Uma aritmética simples indica que o exagero foi grande. Apenas as embaixadas de Cuba, Suécia, México, Argentina, Panamá e Venezuela receberam mais do que seus conterrâneos como refugiados. Não levei ninguém para as duas primeiras, que aliás foram fechadas em dois ou três dias depois do golpe. A do México também foi fechada alguns dias mais tarde. Embora eu tenha levado os primeiros compas que ajudei para esta embaixada, eles foram poucos. Ou seja, segundo Gabeira, eu teria levado mil pessoas para três embaixadas, mais

do que a totalidade dos refugiados nelas abrigados. E teria feito isso em 25 dias, ou 40 por dia. Seria uma procissão na porta de cada embaixada, dia a dia. Impossível, é claro.

Como disse antes, minha memória se borrou e esqueci de muita gente. Já aconteceu encontrar, ao longo do exílio e do retorno ao Brasil, companheiros/as que vieram me agradecer a ajuda sem que eu me lembrasse de tê-la dado. Devem ter sido casos em que a entrada nas embaixadas se deu sem problemas ou eventos dramáticos e eles ficaram ofuscados pelos casos mais complicados. Na minha avaliação, devo ter ajudado não mais de 30 a 40 pessoas, bebês incluídos.

Como tudo começou

Esta minha empreitada de levar compas para as embaixadas não foi planejada. Simplesmente foi acontecendo. Não tínhamos ideia de como a polícia e as FFAA do Chile estavam atuando para impedir a fuga daqueles que queriam capturar ou eliminar. Só sabíamos que os estrangeiros eram um alvo, quase tão importante para eles quanto os dirigentes políticos e membros do governo Allende. Tivemos direito a um “bando” (algo como um decreto) especial, o segundo se não me engano, lido por Pinochet na televisão, dedicado a nós. E os Setenta eram ainda mais ameaçados, tidos como perigosos terroristas brasileiros.

Em uma primeira avaliação, eu e o Travassos achamos que os golpistas cercariam as embaixadas para evitar a fuga daqueles que estavam perseguindo. Pensamos que teríamos que escapar pela fronteira com a Argentina. Mas antes de colocarmos nossas malinhas na citroneta do Luiz e rumarmos para o posto de fronteira mais próximo, resolvi tentar a embaixada Suíça e negociar o refúgio para meus amigos, Luiz, Marijane, Márcia e Zé Duarte, aqueles com os quais estava em contato no momento.

Na minha lembrança, foi no próprio dia do levantamento do toque de recolher que eu me dirigi ao centro de Santiago em um taxi, enquanto o Luíz ia com o Amarílio testar a embaixada da China, onde este último tinha muitos contatos. Mas lembro que adotei outra aparência, cortando a barba e o cabelo para perder a pinta de “guerrilheiro da Sierra Maestra”.

O embaixador me recebeu no seu escritório e logo descartou a hipótese de a Suíça receber refugiados. Se eu quisesse fazê-lo seria abrigado, como cidadão suíço, mas os meus amigos brasileiros, não. Taxativamente. Eu ainda não sabia que a Suíça estava por reconhecer o novo governo e que o embaixador estava eufórico com o golpe. Segundo soube por um amigo jornalista, que chegou ao Chile logo que os aeroportos foram reabertos dias depois, o embaixador declarou em entrevista que o corpo diplomático suíço brindou o golpe com champanhe para comemorar. E em menos de 5 dias, a Suíça foi o primeiro país

não fascista a reconhecer a junta militar. Antes dela manifestaram-se o Brasil do general Médici, o Paraguai de Strossner, a Nicarágua de Somoza e a Guatemala de Arana Osório, todos ditadores sanguinários. Até o imperialismo americano (colaborador direto dos golpistas) foi mais discreto do que a democracia suíça.

Sem solução para o problema dos meus amigos, decidi garantir a minha própria segurança. Pedi ao embaixador que me desse um documento dizendo que eu estava sob a proteção da embaixada. Ele argumentou que o meu passaporte significava exatamente isso, mas eu insisti e ele me passou para um funcionário. Não sei o que me inspirou naquele momento, mas disse ao funcionário que eu queria um papel com todos os lacres e selos possíveis, algo bem impressionante, e que a declaração fosse escrita em alemão. O burocrata objetou que era melhor que fosse em espanhol, para ser entendido por quem me interpelesse, mas eu insisti. Foi providencial. Com aquele papel eu mostrava o meu passaporte e dizia que era funcionário da embaixada. Como ninguém entendia o que estava escrito esta estratégia funcionou várias vezes, inclusive para entrar nas embaixadas, passando pelos pacos que vigiavam as portas. Também pedi ao embaixador o seu telefone privado e combinei chamá-lo todos os dias, depois do toque de recolher (seis da tarde) e pela manhã. Se eu não o chamasse ele deveria se dirigir ao governo militar e tentar me soltar. Apesar de uma evidente

má vontade, ele cumpriu o acordo, quem sabe preocupado com a possibilidade de ter o mesmo destino do embaixador suíço sequestrado no Brasil, Enrico Bucher.

A visita teria se limitado a melhorar o meu nível de proteção se o embaixador não tivesse me informado que algumas embaixadas estavam recebendo refugiados e que não havia tropa cercando-as. Ele mencionou o México e o Panamá, dizendo que as embaixadas de Cuba e Suécia já tinham sido fechadas.

Voltei para o apartamento da Márcia no final da tarde e combinamos que no dia seguinte os três iriam entrar na embaixada do México e que eu iria buscar o Zé, que tinha escapado do cerco do La Moneda e voltado para o apartamento nas Torres San Borja, para levá-lo ao mesmo destino.

A operação foi tranquila, sem polícia ou exército para impedir a entrada de Luíz e Mari e de muitos outros que se acotovelavam nos portões. Os dois insistiram para que eu e a Márcia entrássemos também, mas eu disse que tinha alguma segurança e alguém tinha que ir buscar o Zé. Márcia se dispôs a me ajudar, pois eu não sabia dirigir e isto travaria a operação. Ficamos com o carro do Luíz e partimos para as Torres.

Neste ponto quero dizer que a Márcia foi a grande heroína desta empreitada de ajuda aos compas brasileiros. Ela não tinha

nenhuma das minhas salvaguardas e se arriscou muito mais do que eu. Sem ela eu não teria feito nem metade do que fiz.

Catamos o Zé sem problemas e o levamos para a embaixada do México. O Zé estava preocupado com a situação do Wilson, que morava ao lado de uma base da força aérea chilena e era negro, portanto cubano e portanto comunista / terrorista, na cabeça da milicada chilena e dos chilenos de direita. Era super vulnerável e eu e Márcia fomos buscá-lo em casa. Encontramos o Wilson com o Sérgio Granja, recebendo a visita de vizinhos, com direito a pisco sauer e salgadinhos. Depois de alguns salamaleques com o casal de momios, levamos o nosso segundo pacote para a embaixada do México, ainda sem policiamento. O único frisson desta empreitada foi na entrada do condomínio onde morava o Wilson, com soldados da força aérea pedindo meus documentos e batendo continência para os meus papéis e a declaração de que era funcionário da embaixada Suíça. Meu truque estava funcionando.

A próxima lembrança foi o Marcão, que dividia uma casa na Providência, na avenida Grécia se não me engano, com o Sérgio Pinho, vulgo Serjoca. Lá encontramos o Gabeira e Vera Silvia, que tinham acabado de escapar de um “allanamiento” ou perquisição, no prédio onde moravam, não muito longe dali.

Gabeira aparentava uma calma que era desmentida com a constante repetição do evento: - “Entramos e saímos do cerco estratégico”, dizia ele, meio catatônico. Partimos para a embaixada da Argentina, apenas porque era a mais próxima. Paramos o carro a um quarteirão e eu fui à frente para ver se havia guarda no amplo portão principal e se ele estava aberto. Andei pelo outro lado da Irárrazabal e vi que o portão estava escancarado, mas que dois pacos faziam a guarda. Voltando ao grupo, aconselhei que fossem caminhando até a frente da embaixada e passassem correndo pelos pacos, que não tinham como bloquear a larga entrada. Era arriscado e sugeri que o fizessem em dois grupos. Voltei para a minha posição do outro lado da rua, em frente da embaixada e fiquei esperando. Vi os quatro se aproximando, mas um fluxo de carros me cortou a visão e eles sumiram, antes de chegar nos portões. Fiquei em pânico e andei de um lado para outro no quarteirão para ver se teriam retrocedido. Resolvi entrar na embaixada para checar e apresentei os meus papéis para os pacos. Mais uma vez fui saudado por continências e entrei. Na portaria um funcionário me mostrou o livro onde todo mundo se registrava ao entrar. Lá estavam os nomes dos meus amigos e o alívio foi grande. Mais tarde soube que, ao passar por um pequeno portão no jardim da embaixada, o Marcão empurrou-o e como estava sem tranca ele abriu-se e eles entraram sem passar pela porta principal.

Depois deles havia o nome de outros três brasileiros no livro de registro e que eu viria a conhecer profundamente: Sandra Macedo Castro e seus dois filhos, Flávia e João Paulo. Meses depois, já na Argentina, comecei um namoro com a Sandra, namoro que virou uma relação firme que durou 10 anos, tornando-me, para sempre, “pai” das crianças.

Ainda agitados pelas emoções do dia, voltamos para o apartamento da Márcia, onde nos amamos com a intensidade da adrenalina que colocava os nossos nervos à flor da pele.

Estes primeiros resultados levaram a que nos preocupássemos com outros amigos e amigas em perigo e tomamos a decisão de fazer o possível para ajudar. Foi assim que tudo começou.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 09

SANTIAGO, NA PRIMEIRA SEMANA PÓS GOLPE

Ainda bem que avisei das minhas prováveis falhas de memória nesta etapa destes escritos. Estava convencido de que tinha levado o Marcão para a embaixada da Argentina e até atribuí a ele a esperteza de testar o portão do jardim antes de tentar a entrada principal, que tinha dois pacos vigiando. Tudo falso. Marcão já estava na embaixada do México quando fui procurá-lo na casa que compartia com o Sérgio Pinho na avenida Grécia. Na ausência do Marcão, aproveitaram a viagem o Gabeira e a Vera Sílvia, que lá tinham ido se refugiar quando o prédio onde moravam foi “*allanado*”. O próprio Sérgio decidiu aderir à fuga via embaixada, depois de ter refugado ir para a do México. Fico

pensando em como foi que a minha memória me pregou esta treta. Imagino que foi porque a minha intenção era ajudar um grande amigo, que já tinha sido mais rápido na busca de refúgio.

Conversando com um grupo de oito amigos e ex-refugiados no Chile dias atrás, discutimos um outro exemplo de memórias criativas. O Jaimão afirmou, e não foi a primeira vez, que eu fumava cachimbo na Ilha das Flores. Chiquinho confirmou e Reinaldo, chamado ao telefone para testemunhar, idem. Não adiantou eu repetir que nunca fumei nada, cigarro, charuto, cachimbo, narguilé ou cigarrilha até 1972. Em agosto daquele ano, em visita ao Chile para reuniões da AP, comprei meu primeiro cachimbo, um BBB de tamanho médio, de boquilha reta, que fumei até uns 10 anos atrás, quando o uso prolongado abriu um rombo no fundo. Desde 72, fumei cachimbos e uma cigarrilha feita com restos de charutos havanos, chamada em francês de “dechets d’havanne”. Como todo mundo levou décadas me vendo fumar cachimbos, passaram a estender este fato em direção ao passado.

Como dizia o tenente Joel, no meu tempo de serviço militar no Corpo de Fuzileiros Navais, ao contestar as minhas justificativas e me mandar para uma das muitas detenções que sofri: - “Isto explica, mas não justifica, soldado 201”.

Santiago, na primeira semana pós golpe

Não me lembro quem me levou ao Arrudão, Diógenes de Arruda Câmara, quadro histórico do PCdoB que ficou meu amigo na sua breve passagem pela Ilha das Flores. Deve ter sido o Amarílio, mas não me lembro como o encontrei. Fomos até um apartamento onde o Arrudão estava escondido e ele nos recebeu cercado por dezenas de caixotes empilhados na sala. Discutimos a situação e ele resistiu a entrar na embaixada, no caso a da Argentina, por achar que ainda havia a chance de uma resistência armada contra o golpe. Convencido de que isto era uma “ilusion de l’esprit”, ele ainda protestou por se sentir responsável pelo amplo material do PCdoB que nos comprimia naquele apartamentinho. Eram publicações das Edições de Pequim, em português. Obras do presidente Mao em profusão, esperando serem mandadas para o Brasil, destinadas a formar os militantes no “sendero luminoso” do pensamento do líder da revolução chinesa. Discuti com o Arruda que aquilo era só papel e que podia ser repostado no futuro, enquanto ele era um quadro dirigente cuja perda seria enorme, mas ele só aceitou ir para uma embaixada depois de me fazer jurar que buscaria mandar as caixas pelo correio para um endereço seguro. Perjurei na hora, para garantir a fuga do “Velho”, como era carinhosamente chamado. Já no carro, ele nos fez rumar para a embaixada da China, apesar de informarmos que ela estava fechada para

refugiados. - “Os camaradas chineses me conhecem e vão me receber”, afirmou ele, e não tivemos remédio senão fazer uma tentativa que sabíamos vã.

A enorme embaixada da China era cercada por um muro alto e tinha um portão fechado do mesmo porte, com uns quatro pacos na porta. Não deixei o Arruda ir bater no portão. Estacionamos a alguma distância e eu fui sozinho tentar entrar com o meu artifício de me apresentar como funcionário da embaixada Suíça. Conversei com os pacos, que me disseram que ninguém entrava nem saía da embaixada desde o golpe e que dois tipos que saltaram o muro pularam para fora tão rápido como entraram. Me deixaram tocar a campainha, mas ninguém respondeu. Olhei por uma fresta e vi vultos circulando na varanda, ignorando a estridente chamada. De volta ao carro, o Arruda finalmente se conformou a ir para a embaixada da Argentina. Teve tanta sorte que nem havia pacos no portão na hora que entrou. O que ele e todos nós não sabíamos é que o regime maoísta estava por reconhecer a junta militar, feliz por ver o fim de um governo, do qual faziam parte aliados do “social imperialismo” soviético, os comunistas chilenos, na época vistos como ferozes inimigos pelos chineses.

Na sequência e não me lembro como aconteceu, encontrei com o Reinaldo (José de Melo), outro dos membros do PIF (partido da Ilha das Flores, apelido irônico inventado pelo Wellington,

para os oito egressos daquele presídio saídos no sequestro). Este outro amigo que eu procurava, andava pela rua com um ar catatônico e mal reagiu quando eu o xinguei por estar dando bobeira. Contou-me suas dramáticas aventuras, tentando resistir nos cordões industriais, armado de um 32. Na primeira fábrica em que se juntou a um grupo de operários ficaram esperando as armas prometidas pelos “elenos” (Exército de Libertação Nacional) do Partido Socialista Chileno nas primeiras horas do golpe. Sem notícias, o grupo dispersou-se e Reinaldo se dirigiu para a grande fábrica (era de tecidos?) Yarur, onde muitos operários e pobladores tinham se agrupado para resistir, tal como tinha sido a consigna que eu tinha questionado no MAPU, meses antes. Algumas dezenas de armas de fogo de baixo calibre, dinamite e muitos molotovs era tudo que tinham para enfrentar a infantaria e a artilharia do exército chileno. Aguentaram algumas horas, mas foram dominados e Reinaldo fugiu junto com outros sobreviventes. - “Morreu muita gente”, repetia ele várias vezes. Marcamos um ponto mais tarde, perto da embaixada da Venezuela. Fui até lá antes, e combinei com um responsável que ele deixaria um portão menor sem tranca, pois no principal eram muitos os pacos. Orientei o Reinaldo para atravessar a rua e ir direto para este portão sem olhar à volta. Neste bairro (acho que era Las Condes), havia grupos de momios civis reunidos nas esquinas e um contingente de pacos no portão principal da embaixada, muito mais do que no da Argentina. Se

o portão menor não estivesse aberto, o Reinaldo não tinha rota de fuga e estaria perdido. Fui para o outro lado da rua para observar os acontecimentos e, para meu alívio, a porta abriu-se quando os pacos já estavam correndo na direção do meu amigo. Ele acabou se asilando na Alemanha e em Moçambique e só voltei a vê-lo de novo no Brasil pós anistia.

Descrevendo este episódio, me dei conta de que ele se situou quase 10 dias depois do golpe, pois quem dirigiu o carro em que eu circulava era a Anette Goldberg. Anette estava casada/juntada com o Wainer, mas não quis segui-lo quando ele se refugiou na embaixada do México, logo após a suspensão do toque de queda. Ela tinha situação legal e não queria perdê-la, enfiando-se em uma embaixada para tornar-se uma exilada. Não me lembro quando e como a encontrei, mas sei que foi logo depois que convenci a Márcia a entrar na embaixada da Argentina, já que a barra estava ficando pesada e ela não tinha a mesma proteção que eu. Anette se dispôs a me ajudar, dirigindo um dos carros que fui “herdando”, à medida que seus donos iam se refugiando aqui e ali e me entregando as chaves. Também herdei vários “aparelhos”, mas preferi, sempre que possível, ficar em casas de pessoas com situação regular, em geral funcionários da CEPAL, da FLACSO, da OPAS, entre outras entidades internacionais. Foram vários brasileiros, suecos, mexicanos, franceses, chilenos e suíços, homens e mulheres corajosos e solidários. Eles acabaram formando um grupo

informal de apoio, uma vez postos em contato por mim, e seguiram atuando depois que eu me mandei para a Argentina.

A ajuda da Anette durou pouco, dois ou três dias. Depois do tenso episódio da escapada do Reinaldo, ela pediu para eu passar a noite na casa dela, pois tinha medo de ficar sozinha com uma vizinhança prá lá de momia. Prometi fazê-lo a partir do dia seguinte, já que naquela noite tinha combinado dormir na residência de um brasileiro funcionário da CEPAL. No dia seguinte, passei para buscá-la e encontrei a casa vazia, com o pastor alemão do Wainer, o Koba, correndo como louco pelo jardim. Acalmei o cão e entrei na casa, que tinha sido revirada e saqueada. Deixei comida e água para o lindo animal e saí, encontrando um grupo de garotos jogando bola na rua. Perguntei o que tinha acontecido e eles me disseram que os pacos tinham vindo cedo e levado “la señorita”. Foi sorte que os papais e mães dos guris estarem ausentes ou eu teria sido importunado, já que foram eles que chamaram os pacos para prender os “terroristas brasileiros”. Pedi aos garotos que adotassem o Koba ou ele morreria de fome e sede naquela casa fantasma. Anette foi parar no Estadio Nacional, onde ficou por semanas até que a sua família conseguiu que a embaixada brasileira interviesse e ela pôde viajar para a Argentina, onde voltamos a nos ver.

Mais uma vez a sorte funcionou para me proteger. Se tivesse passado a noite na casa da Anette havia uma boa chance dos pacos me levarem para investigações apesar das minhas credenciais suíças. A própria prisão da Anette, malgrado seu passaporte brasileiro válido, mostrava que a fúria da repressão chilena contra os estrangeiros não distinguia os “legais” dos outros. Uma vez preso nas engrenagens do Estadio Nacional, o perigo dos militares brasileiros (que foram prontamente para Santiago ajudar os “hermanos” chilenos) chegarem a me identificar era grande e então: babau para a proteção diplomática suíça.

Entre os múltiplos refúgios em que passei não mais do que uma noite, recordo um que foi emblemático, mais pela conversa com meu hospedeiro. Fui parar na casa do pai da Sonia Lafoz, que já estava abrigada em uma embaixada. Não me lembro do primeiro nome do velho Lafoz, um catalão anarquista que tinha participado do levante popular liderado por esta corrente em Barcelona, em 1936. Ao longo de uma noite de reminiscências ele me contou detalhes dos três dias de combates de rua e o cerco dos quartéis da Guardia Civil, sublevados em apoio aos nacionalistas do general Franco. - *“No teníamos armas para todos, y los grupos de anarquistas se organizaron siguiendo un de los que tenían un fusil o pistola. Cuando el que estava armado caía en una balacera otro del grupo tomava el arma y seguia el combate. Fui el quinto de mi grupo a usar una arma”*. Esta

discussão ocorreu quando eu tentava explicar como é que o milhão de manifestantes de menos de uma semana antes do golpe tinham assistido sem reagir ao avanço dos militares golpistas no dia 11. - “O povo estava desarmado”, era o meu argumento. Lafoz esbravejava: - *“Tampoco teníamos armas en Barcelona. Las fuimos buscar en las manos de los faxistas. Lo que hace falta aqui son cojones”*. A meu ver o que faltou foi direção política para a ação militar de resistência. Faltou a consigna emblemática de Allende no dia do tancaço: - *“Vengan a La Moneda con lo que tengan”*.

Segundo o que li depois sobre a guerra civil espanhola, a tomada do quartel general da Guardia Civil pelos anarquistas foi quase que a socos, dentadas e facadas, já que as armas de fogo, molotovs e dinamite eram poucos.

A história do velho Lafoz prosseguiu com a crítica feroz aos comunistas espanhóis, que acabaram dissolvendo as organizações anarquistas e trotskistas ao longo da guerra civil, liquidando as direções em expurgos sangrentos. Ele acabou se refugiando na França e, na Segunda Guerra Mundial, lutando na resistência aos nazistas. O grupo em que atuava foi sendo liquidado pela Gestapo e ele escapou fugindo para a Argélia. Nesta colônia francesa, Lafoz se juntou ao Front Nacional de Liberation na guerrilha urbana em Alger, nos anos cinquenta.

Quando os paraquedistas franceses liquidaram a guerrilha em um ano de combates e massacres na batalha de Alger, Lafoz partiu, mais uma vez, escapando para o Brasil. Sônia nasceu em Alger e foi criada no Brasil. Quando ocorreu o golpe de 1964, o velho já não militava, mas a filha entrou para a resistência armada na VPR, apoiada pelo pai. As circunstâncias da luta armada levaram a Sônia, ferida em combate, a sair do Brasil e se refugiar no Chile. O velho Lafoz foi atrás, casado com uma brasileira mais nova do que sua filha e montou uma oficina mecânica, se bem me lembro. Quando perguntei se iria acompanhar a Sônia em uma embaixada, ele me disse que estava cansado de fugir e que iria ficar no Chile. - *“Perdi todas las luchas en que me meti. En España, Francia, Argelia. Sonia perdió en Brasil. En Francia y Argelia las vitórias llegaron después que ya me habia ido. Nunca tuve el gusto de estar entre los victoriosos. Ahora quiero vivir mis últimos dias tranquilo”*. Nunca soube o que houve com ele, se ficou no Chile ou se foi para a França, onde a Sônia se radicou depois do golpe.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 10

AS FUGAS MAIS DRAMÁTICAS

Escrevi vários textos contando uma dezena de episódios protagonizados por companheiros e companheiras, eventualmente com filhos e filhas, refugiando-se em embaixadas. Evitei distribuí-los um por um e foi uma prudente decisão. Ao reler o conjunto fui me dando conta de que eram muito repetitivos, quase que burocráticos. É claro que para os e as que viveram a experiência, com seus riscos maiores ou menores, cada evento foi um drama. Lidos 50 anos depois, entretanto, a repetição de situações não acrescenta nada e não retrata a permanente tensão que viveram, eles, eu e as outras pessoas que me ajudaram. Decidi fazer uma seleção,

apresentando os casos mais dramáticos ou com alguma singularidade, poupando os leitores de alguns bocejos.

Escolhi relatar as “fugas” do Luizão Sanz, Didi e a filha de colo; a do Betinho e a do Samuca, com a Irene e um bebê.

De como a família Sanz entrou na embaixada da Argentina

Com os dias passando intensos e tensos, os brasucas que foram ficando para trás se tornaram raros e eu me acostumei a buscar aconchego entre alguns deles. O irmão do Luizão, Sérgio, morava nas Torres de Tajamar, se é que me lembro do nome exato deste conjunto residencial, onde também vivia ainda o poeta maranhense Ferreira Goulart, que a nossa turma comum de praia de Ipanema nos anos 80/90 apelidamos de “índia velha” (pode não parecer, mas o apelido era carinhoso). O apartamento onde o Sérgio vivia com a companheira Regina e uma filhinha recém-nascida era no térreo e com as portas abertas para pássaros errantes, como eu.

Sérgio foi um dos dois brasileiros, (ao que eu soube), que obedeceram a ordem do Pinóquio (Pinochet), ameaçando os estrangeiros que não se apresentassem à polícia. Como o Sérgio e Regina não eram refugiados e tinham a “proteção” do passaporte brasileiro, ele preferiu correr o risco e, logo no

segundo dia do golpe, foi se entregar em um retém de carabineiros. Deu ruim. Foi levado para o estádio de Chile, onde ficou por quatro dias que me relatou em detalhes. Entre outras coisas, ele contou o episódio em que os policiais identificaram o Vitor Jara no meio dos presos. O cantor foi imediatamente agredido a coronhadas que esmagaram uma das suas mãos, algo simbólico para um tocador de violão. Segundo contou, Jara reagiu cantando o hino da unidade popular, o Venceremos, seguido em coro por todos os presos. A reação dos milicos foi disparar as metracas para o alto e impor o mais total silêncio no estádio, enquanto levavam o cantor para seu destino fatal em outro lugar. Sérgio voltou para casa em estado de choque, comprou uma caixa de vinho Tarapacá (ex-Zavalla), e passou dias enchendo a cara, alguns em minha companhia. Lá pelas tantas, ele acordou para o fato de que não tinha notícias do irmão, que morava em uma casa em um bairro pituco que não me lembro, talvez Vitacura. Fomos até lá na citroneta do Sérgio e encontramos a casa fechada e às escuras. Deixei o Sérgio no carro e rodeei a casa, chamando pelo Luizão. O silêncio era total e eu ouvi alguns ruídos no interior. Bati nas portas e janelas até que ouvi a voz do Luizão mandando eu calar a boca. A porta entreabriu-se e eu tomei um susto quando vi o meu companheiro dos setenta se arrastando de quatro. - “Está ferido?”, perguntei, entrando na sala. Ele mandou eu me abaixar e disse que estava há vários dias fingindo que tinha abandonado

a casa, para evitar alguma perseguição dos vizinhos momios. - “Vamos embora”, disse eu logo, “levo vocês para a embaixada da Argentina”. Didi já tinha uma maleta com o necessário para o bebê e em três tempos estávamos no carro a caminho do apartamento do Sérgio, onde passamos a noite antes da fuga na manhã seguinte. Depois de um jantar tenso e algum vinho, expliquei a manobra já muito utilizada para entrar na embaixada. - “Vocês vão caminhando pela calçada assim como quem está passeando em um domingo comun y corriente”, como diziam os chilenos. “Os dois pacos que ficam no portão não conseguem bloquear a passagem. Passem entre eles correndo de surpresa. Eles não podem entrar no jardim atrás de vocês para fazê-los sair.” Até então não tinha havido nenhum caso de refugiados agarrados no portão, bastava serem rápidos na manobra de esquivar e estariam a salvo. Luizão ficou nervosíssimo pois o risco não era só dele, mas de toda a família. - “Não dá para negociar a entrada?”, perguntou. Fiquei atônito. - “Tá louco?, se parar para conversar eles te agarram”. Luizão tomou várias pílulas de tranquilizante e foi tentar dormir, sem sucesso.

Na manhã seguinte, o Sérgio e eu fomos levá-los até a Irrarrazabal e nos postamos do outro lado da rua. Era um domingo cedo e a rua estava vazia, ou quase, com alguns transeuntes passeando a alguma distância do portão. Quando os Sanz se aproximaram, um dos pacos se juntou ao outro para

acender um cigarro e eu comentei com o Sérgio: - “Haja sorte, a entrada está escancarada”. Inexplicavelmente, Luizão parou na entrada e olhou para nós, em vez de entrar. Os pacos vieram correndo, Didi arrastou o Luizão, paralisado pelos muitos tranquilizantes que tomou e pelo terror do risco de sua família, e deram uns passos para dentro do jardim. Eu e o Sérgio nos torcíamos de apreensão e nos horrorizamos quando os pacos entraram no jardim e agarraram o Luizão, puxando-o para fora. Era uma cena dantesca, os dois chileninhos fardados com as metranças nos ombros, tentando arrastar o enorme Luizão e levando uma saraivada de bolsadas da Didi. Neste momento, o portão ficou totalmente desguarnecido e os “serenos transeuntes” que passeavam pela rua dispararam para a embaixada. Três deles entraram correndo e deram de cara com os pacos no jardim. Eles se desviaram e sumiram no edifício. Um dos pacos abandonou o Luizão e voltou para o portão para impedir outras fugas. O entrevero entre os Sanz, com Didi abraçada na filha e puxando o Luizão, e o paco restante que gritava “*salga señor, salga!*”, agarrado no outro braço, estava sendo perdido e eu estava em pânico sem saber o que fazer, quando um funcionário da embaixada apareceu e obrigou o guardinha a soltar o nosso querido compa. Os Sanz sumiram na embaixada e eu e Sérgio fomos para as Torres comemorar. Lembro de chegar no apartamento e ir direto para o banheiro,

quase mijado de tensão. Foi a fuga mais perigosa dentre as dezenas que ajudei a fazer acontecer.

A fuga da família Aarão Reis (a do Samuca)

Não me lembro onde encontrei com o Samuel, meu contemporâneo de movimento estudantil no Rio de Janeiro, mas que eu mal conhecia. Ficamos amigos muito depois, quando voltamos a nos encontrar na Bahia, ambos atuando em ONGs junto a movimentos sociais. No Chile, eu discuti, com ele e a sua companheira Irene, a entrada na “embaixada do Panamá”, na verdade a residência do Teotônio e da Vânia, cedida ao embaixador como extensão da verdadeira, tomada por uma centena ou mais de refugiados.

Na hora de sair para a operação fuga, a Irene apareceu com uma enorme mala. “Deixe isso para trás”, disse eu. “Chama muito a atenção e há um grupo de pacos mais numeroso do que na embaixada da Argentina”. Irene insistiu pelas necessidades do neném e eu prometi levar a mala e entregá-la na embaixada depois que estivessem lá dentro. Mais uma vez fui me colocar do outro lado da rua para ver se tudo dava certo. Não entendi por que o portão estava fechado e guardado por outros refugiados, enquanto os pacos ficavam agrupados a pequena distância. Cheguei a propor ao Samuca deixar para outra ocasião, mas ele decidiu arriscar. Foram andando até o portão sem qualquer

reação inicial dos pacos, mas houve um momento de hesitação e discussão com os refugiados antes de abrirem a cancela. Foi justo a tempo, pois os pacos já se dirigiam para eles

Horas depois fui até a embaixada com o meu passaporte e papéis da embaixada suíça e levando a mala da Irene. Conversei com os pacos que, depois de alguma vacilação, me deixaram fazer a entrega depois de uma revista. Abri a mala e um paco a revirou, encontrando muita coisa de bebê, fraldas, mamadeiras, roupinhas. Eu estava tranquilo até que o paco apertou uma meia de bebê e achou algo duro. Ao investigar encontrou um rolo de dólares que ele segurou e ficou me olhando. - “Esta família vai precisar disso para sobreviver em outro país”, argumentei, já dando as verdinhas por perdidas. Para minha surpresa o paco olhou para seus parceiros e, verificando que não tinham visto o dinheiro, colocou-o de volta dentro da meia e virou-me as costas. Entreguei a mala na embaixada e fui embora, pensando que havia humanidade mesmo entre estes agentes da repressão.

A fuga do Betinho

Este episódio embaralhou-se na minha memória e peço aos que assistiram que me corrijam, se for o caso.

Foi em um encontro com o Serra que fiquei sabendo da situação do Betinho. Ele tinha se refugiado em seu local de trabalho, na

FLACSO, que estava cercada por uma forte guarnição de pacos. Eles não podiam entrar por ser a FLACSO uma entidade internacional, mas não deixavam ninguém sair sem ser inspecionado. Serra tinha um passaporte italiano, que ele, macaco velho, tinha pelejado para conseguir há algum tempo antes do golpe. O Serra estava fazendo algo parecido com o que eu fazia, mas correndo riscos muito maiores por ser uma persona política conhecida no Chile, dirigente do MAPU Gasmuri e vice-ministro da economia do governo Allende. Sei que muita gente não gosta do Serra pelo que ele se tornou depois da volta ao Brasil, em particular ao aderir ao governo golpista de Temer. Mas no Chile ele teve um comportamento solidário e ousado, quando poderia ter se metido na embaixada da Itália e ficado em segurança.

Preocupado com o Betinho, o Serra topou levá-lo para a embaixada do Panamá. Tirá-lo do prédio da FLACSO cercado de pacos é algo que não vi. Fiquei na citroneta (quase todos os brasileiros motorizados tinham citronetas) esperando e soube apenas que o Serra e o Airtom Fausto tinham conseguido levar o Betinho por uma saída meio oculta que dava em uma rua discreta. Seguimos os três para a embaixada, a verdadeira, a entulhada de gente (foi antes da incorporação da residência de Teotônio ao patrimônio da Panamá).

Eu tinha visitado o embaixador mais de uma vez para negociar a entrada de refugiados no pequeno espaço da modesta embaixada. O personagem era um poço de contradições. Abriu a embaixada para os perseguidos, mas frente à maré de gente, trancou as portas e ameaçou fechar a embaixada em várias ocasiões. No caso do Betinho ele foi taxativo, as portas ficariam fechadas e se ele achasse jeito de entrar seria posto para fora. No caminho da saída encontrei a Maria do Carmo (Lia) e expus o problema. Ela me indicou uma janela lateral e me disse para levar o Betinho para lá e ela organizaria um grupo para mantê-la aberta e facilitar a entrada. Nada como uma pessoa decidida para resolver os problemas! Assim foi feito e deu certo. Não sei se o embaixador ficou sabendo da manobra. Na confusão da multidão, que não tinha nem espaço para todos se sentarem ao mesmo tempo, talvez ele nem tenha percebido o contrabando humano pela janela. Ou talvez tenha feito vista grossa, apesar das ameaças.

No caminho para a embaixada atravessamos uma praça, acho que foi a Itália, e subitamente estourou um tiroteio. Serra e eu nos abaixamos para evitar uma bala perdida, ele dirigindo com um olho acima do volante e eu com a cabeça entre as pernas. No meio da confusão, olhei pelo retrovisor e vi o Betinho ereto, impávido, olhando os pacos que atiravam de um e outro lado. - “Abaxe-se Betinho”, gritei apavorado com o risco que corria. A resposta veio calma, como sempre foi o jeito do Beto: - “Não

tenho medo de bala. Se levar um tiro eu morro de hemorragia rapidamente. Tenho medo é de pedra. Uma pedrada abre um cortezinho e sangra por horas. Muito mais sofrido. Coisas de hemofílico”. E não se abaixou. Não sei se apreciei a bravata naquelas circunstâncias, mas a tranquilidade do Betinho na hora do perigo foi impressionante. Não só a calma, mas a pachorra de fazer piada com sua grave condição física no meio do vendaval.

O caso do Ricardo

Depois de levarmos o Betinho para a embaixada do Panamá, eu tive uma ideia de gerico e comentei com o Serra que tinha acabado de saber que o Ricardo Azevedo tinha sido preso nas Torres San Borja e levado para o Estádio Nacional. Sabia que uma gestão junto aos milicos poderia ter o dom de fazê-los vacilar em dar sumiço no Ricardo, naquelas horas perigosas de uma recém captura. Tinha havido um escândalo internacional recente com a prisão e assassinato de duas freiras francesas e os golpistas estavam preocupados com estes eventos. Propus ao Serra que usássemos os nossos passaportes estrangeiros para pedir informações sobre o Ricardo, indicando que havia uma preocupação internacional com este preso. Serra, que não gostava nada do Ricardo pelas muitas brigas na luta interna da AP, perguntou como é que faríamos isso e eu sugeri que fôssemos, candidamente, pedir informações no comando da guarnição de Santiago, que ficava em um prédio na Alameda.

Pensando melhor, aquilo não podia ser o comando da guarnição, por não ser um quartel, mas na minha memória ficou esta qualificação. A ideia era, como disse, de gerico, pois bastava que algum milico resolvesse verificar as nossas credenciais e teríamos que dar explicações que nos enrolariam e poderiam levar à nossa prisão. Mas eu estava inebriado com o sucesso das minhas ousadias e acreditando que era, como me apelidaram alguns amigos, “imortal”. Surpreendente, foi o Serra topar esta manobra insana, já que os riscos para ele eram muito maiores. Entramos no antro do exército chileno e fomos pedindo para ver um oficial superior. Passamos de sargento a tenente, a capitão e, finalmente, um major que se apresentou como o relações públicas da unidade. Fizemos o nosso pedido de informação dando o nome, data e local da prisão e cobrando que a resposta fosse encaminhada para as embaixadas da Suíça e da Itália. Assumi o papo com o oficial, adotando o meu espanhol esfarrapado e misturado com palavras francesas que disfarçava o fato de que falava a língua de Cervantes perfeitamente. Serra não abriu a boca. O oficial ficou aturdido com a nossa iniciativa e apenas pediu os nossos dados e assegurou que daria a resposta. Saímos dali encharcados de adrenalina até a raiz dos cabelos. Aos poucos fomos nos dando conta de que tivemos uma sorte dos diabos pela falta de reação do oficial de serviço e eu confessei ao Serra que nunca tinha acreditado que ele topasse a aventura. - “Nunca deveria ter participado desta loucura”, disse

ele, “mas não quis recusar para não parecer que não me importava com o destino do Ricardo, dadas as nossas muitas contradições”. Não sei se a nossa ousadia ou insanidade teve algum papel no fato de que o Ricardo escapou incólume da sua prisão. E fica aqui a minha admiração pela hombridade do Serra ao se arriscar por alguém que ele detestava.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 11

O ALLANAMIENTO DAS TORRES SAN BORJA

Sei que já escrevi algo sobre o assunto deste artigo, mas não encontrei. Não vou tentar escrever de novo, mas aceitar que vou escrever um novo, provavelmente diferente do primeiro. Vai ser curioso comparar os dois, se o primeiro aparecer.

As Torres San Borja era um conjunto residencial (em chilênês, uma *remodelación*) situado entre a praça Itália e o começo da Avenida Bernardo O'Higgins, quase em frente do prédio da UNCTAD e ao lado dos edifícios da Universidade Católica, se bem me lembro. Para os padrões chilenos da época era um conjunto de prédios modernos, todos com 24 ou 25 andares, ocupando

um largo terreno cortado pela diagonal Paraguai na parte traseira. Não fui olhar no google maps para checar estes dados, tudo vem de memória e pode estar misturado. Eram uns 6 a 8 prédios com 4 apartamentos por andar e típico de uma classe média alta e muitos estrangeiros como inquilinos.

Entre os conhecidos mais próximos, moravam por lá (em quais Torres eu já não sei dizer) o Travassos, Marijane, José Duarte e Márcia (esta já não mais quando do golpe); Ricardo Azevedo e Sônia Giacomini, Maria Inês e Lúcia Jaime e Luiz Claudio e Maria Eugênia, com uma filhinha recém-nascida. Quase todos e todas tinham sido militantes da AP, mas tinham se afastado do partido no exílio. Eu e Ricardo ainda militávamos, embora tenhamos nos estremecido nos embates internos da AP no Chile.

Esperava-se uma operação de perquisição naquele antro de estrangeiros esquerdistas, onde tinham residido dirigentes da agência de inteligência cubana (G2) ou o chefe da polícia política do Estado, a Investigaciones, Coco Paredes. No mesmo dia do golpe houve um ataque específico ao apartamento de Paredes, que morreu combatendo, mas o conjunto das Torres ficou intocado pela repressão. Muita gente saiu de lá para outros refúgios, inclusive Travassos, Mari e eu, mas Ricardo foi preso em seu apartamento.

Após três semanas de golpe e sem uma ação abrangente nas Torres, começamos a nos sentir mais seguros e passei a frequentar o apartamento do Luiz Claudio, no 22º andar de uma das Torres mais recuadas em relação à Alameda.

Luiz Claudio tinha sido militante da AP no movimento estudantil do Rio de Janeiro, com uma forte liderança na faculdade de psicologia. Lá pelos idos de 1968, ele foi alçado ao comando regional da R2, Rio de Janeiro e Espírito Santo. E, em meados de 1969, o comando nacional decidiu mandá-lo para o nordeste, para “integrá-lo na produção”.

Fui reencontrá-lo no Chile, onde dava aulas de psicologia na universidade Católica, um antro da extrema direita. Luiz Claudio estava no Chile como refugiado e tinha como documento o “título de viaje para extranjeros”, um papel de uma agência do governo (*Investigaciones?*) que, na época, era uma espécie de atestado de comunista. Maria Eugênia, sua companheira, tinha seu passaporte brasileiro regular.

No episódio que vou contar, fui dormir no apartamento do Luiz Claudio sem avisar e encontrei o quarto de hóspedes ocupado por uma visita vinda de São Paulo. Foi uma surpresa encontrar com a Ruth Toledo, minha ex-namorada em cuja casa eu me refugiava quando estava clandestino em Sampa, alternando com o apartamento dos Abramo, Radah e Cláudio, que era bem

próximo. Depois que fui preso, a Ruth casou-se de papel passado com meu amigo de infância Luiz Raul Machado, ex-vice-presidente da UNE na gestão do Travassos. No Chile, ela já estava separada dele e não me lembro que é que tinha ido fazer por lá. Ela tinha passaporte normal também, e deveria voltar para o Brasil no dia seguinte.

Conversa vai, conversa vem, acabamos compartilhando a cama e foi dos braços da Ruth que eu acordei aos pulos, ao som de um alto-falante fortíssimo. Eram seis da manhã e havia um nevoeiro espesso que não permitia ver nada no chão, mas a voz cavernosa e ameaçadora não deixava dúvidas sobre o que nos esperava: *“Atención, atención, los moradores da la remodelación San Borja; están cercados por las tropas del ejército de Chile. Todo intento de resistência será aplastado sin contemplación. Permanescan en sus departamentos y aguarden ordenes.”*

Nos vestimos correndo, como se os milicos já estivessem na nossa porta e fomos ver o Luiz Claudio. Ele e a Maria Eugenia estavam já vestidos e sentados na cama com o bebê ao colo, pálidos e silenciosos, olhando para as paredes. - “Tens algum material que possa ser considerado subversivo?”, perguntei. Luiz respondeu que achava que não e eu fui para a biblioteca dele fazer uma limpeza. Saí com um saco de lixo, contendo alguns quilos de literatura de esquerda que levei para a lixeira ao lado da porta da cozinha. Ao abrir a portinhola vi passar um pacote e

ouvi um ruído contínuo que indicava que em muitos outros apartamentos havia gente fazendo o mesmo que eu.

Logo percebemos que o operativo tinha como método ir subindo do térreo até o último andar e calculei que eles chegariam até nós em uma hora. Fomos tomar café e combinar o que dizer. Para todos nós era importante que o documento incriminador do Luiz Claudio não aparecesse. Por sorte ele tinha um documento profissional de professor da Universidade Católica e este passou a ser a sua identidade.

Eu não estava particularmente preocupado com o risco de prisão, já que tinha três semanas de experiências demonstrando a força do passaporte suíço e do documento da embaixada que me dava proteção. Afinal, éramos três brasileiros e um suíço todos com histórias normais e coerentes para contar. Esperamos sentados na sala, vendo o nevoeiro levantar e o movimento de tropas começando a ficar visível lá longe, no chão das Torres. Foi uma falsa sensação de segurança, baseada em dados bem racionais, mas que o imponderável derrubaria em pouco tempo.

O barulho de botas e ordens de comando foi ficando mais próximo, mas não ousávamos entreabrir a porta para checar o andamento. Finalmente a campainha soou, sem exageros. Também não tínhamos ouvido gritos e portas arrombadas até então. Abri a porta e quase caí para trás. O soldado à minha

frente era enorme (ou o meu medo o fez crescer) e empunhava um fuzil metralhadora apontado para mim, com o dedo no gatilho. Mas, passados este primeiro susto, reparei que o soldado não tinha ar agressivo e ele pediu, educadamente, permissão para entrar. Mera formalidade, é claro, mas um alívio apesar de tudo. Tomou os documentos de todos nós e nos pediu que ficássemos sentados na sala, sem nos levantarmos. Chamou a Maria Eugênia para o acompanhar na revista aos outros aposentos e ela foi, com bebê no colo e tudo. Voltaram logo de uma perquisição meramente formal, sem revirar nada nem quebrar o que quer que fosse. Ao terminar ele olhou nossos documentos e fez uma cara de pesar: - “Lamento informarlos que estoy bajo órdenes de llevar todos los extranjeros y presentarlos al capitán al cargo deste inmueble, independiente de los papeles que tengan. Por favor, me acompañen.” Não havia o que discutir com um argumento capaz de dar rajadas de 30 tiros por minuto e fomos atrás dele pelas escadas, até encontrarmos com o tal capitão lá pelo quarto andar.

Tomei a frente do grupo e me dirigi para o oficial dizendo as palavrinhas mágicas: “*ciudadano suiso*”, e mostrando o meu documento. Foi um choque de realidade, mas também físico. O capitão, que tinha uma pistola Colt 45 na mão, usou-a para dar uma porrada no meu passaporte, mandando-o longe. Corri para recuperar a preciosidade tão pouco respeitada, escutando o grito enraivecido do energúmeno: - “*Comunistas, extranjeros*

comunistas". Tentei explicar quem éramos e o tipo ameaçou me bater na cara com a pistola, mando-me calar a boca. Não precisa dizer que concordei em fazer o que ele mandava, pois o homem parecia tomado de uma fúria enlouquecida, com olhos esbugalhados e boca retorcida, espumando nas comissuras. Olhei para trás e vi Luiz Claudio, Maria Eugenia e Ruth abraçados com cara de pavor e ouvi o bebê começar a chorar alto. O capitão cortou a palavra de um dos seus subordinados que parecia argumentar algo a nosso favor e berrou uma ordem para um soldadinho que parecia um adolescente: - *"Llevenlos ahoritita para el deposito de detenidos en Diagonal Paraguay"*, e virou as costas.

Fomos descendo o resto das escadas até o térreo, em silêncio estupefato. Pensei com meus botões: acabou-se a minha sorte. Se não aparecer um oficial menos truculento nas próximas etapas que irão nos levando para o Estado Nacional, estou frito. Qualquer investigação superficial sobre quem era o "suíço" iria derrubar a minha cobertura e a chance de me mandarem para o Brasil embrulhado para presente era enorme.

No pátio de entrada da Torre, o guardinha veio me perguntar onde era a Diagonal Paraguay. Fiquei sabendo depois que tinha sido uma das táticas dos golpistas trocar os regimentos de localização, levando os de Santiago para Los Andes e vice-versa. O soldado não conhecia a capital e eu disse que também não. Na

verdade, estávamos bem em frente da dita rua, mas ele nos deixou ali e partiu na sua procura.

Enquanto esperávamos, discutimos o que fazer. Sem o soldado, nada nos impedia de sair andando para fora da área das Torres, mas a qualquer momento aquele grupo de civis ia chamar a atenção de algum milico e seríamos aprisionados de novo, com o agravante de termos tentado escapar.

Enquanto discutíamos, apareceu um tenente que veio nos perguntar que fazíamos ali parados e o Luiz Claudio precipitou-se para explicar que estávamos detidos e o nosso guardião estava procurando o depósito de presos do operativo. O tenente fez uma cara de pena e ficou puxando conversa, perguntando quem éramos e o que fazíamos no Chile. Quando Luiz Claudio disse que era professor da Católica, o tenente interessou-se e perguntou em qual faculdade. “Na psicologia”, disse o meu amigo. - *“En que año?”*. *“El segundo”*. *“Conocés a fulana?”*. *“Si, es mi alumna”*. *“Es mi hermana menor”*. O tenente estava mais que simpático e eu ousei pedir que nos levasse para fora do perímetro do operativo porque a nossa detenção era um claro equívoco, éramos gente de bem e corretamente documentada. Ele balançou a cabeça tristemente e disse: - *“Lo lamento, pero no puedo hacer más que desearles buena suerte”*. E se despediu, com cara de quem não acreditava muito na nossa sorte.

Só me restou dizer para o Luiz Cláudio: - “Da próxima vez, se houver uma, deixe que eu faça a conversa, não precisava sair declarando que éramos presos”.

Neste momento, na deserta Diagonal Paraguay apontaram dois jipes abertos que se dirigiam lentamente para nós. Reparei que no jipe de trás havia gente filmando com várias câmaras e que no da frente a pinta dos soldados indicava que eram oficiais graduados, pois tinham escolta ao seu redor. Sem parar para pensar joguei a minha vida e a dos meus amigos em um gesto desesperado: corri para frente do jipe dos oficiais com o meu passaporte nas mãos levantadas para o alto e gritando “ciudadano suizo, ciudadano suizo”. O jipe freou para não me atropelar, a escolta armou os FMs e o mandão levantou um braço para detê-los. De perto vi as divisas de general e dei um suspiro de alívio. Nem os mais ensandecidos golpistas matariam um cidadão estrangeiro desarmado na frente de câmeras de cinema ou televisão. Mais ainda um oficial superior.

O general desceu do jipe e veio falar comigo. Tomou o meu passaporte e abriu-o na página onde estava a minha passagem para Buenos Aires que eu renovava a cada três dias para sempre dar a impressão de que estava de partida, para casos como aquele em que me encontrava. Também deixava a passagem em uma página onde estava um dos muitos carimbos de visto para os Estados Unidos. O general não deixou de ver este visto e me

perguntou se eu preferia falar em espanhol ou em inglês. Quando indiquei a língua de Shakespeare ele engatou uma conversa em inglês sobre os Estados Unidos, onde ele me disse ter passado um ano em cursos, um deles em Fort Brag, na Flórida. Estava todo feliz mostrando para a sua corte como era educado e hábil em idiomas.

Satisfeito com as minhas explicações sobre o que fazia no Chile, o general perguntou o mesmo aos meus amigos. Ruth mostrou seu passaporte e passagem para São Paulo e disse que ia perder o avião, que partia em três horas mais. O general chamou um ajudante de ordens e mandou que subisse com a Ruth para buscar a sua mala e a levasse ao aeroporto imediatamente. Nunca mais a vi, mas ela saiu-se muito bem deste percalço.

Maria Eugenia e o bebê foram rapidamente aceitos pelo general e ficou sobrando o Luiz Claudio, nosso calcanhar de Aquiles. Mas o general, decididamente desarmado pelas nossas histórias, perguntou: - *“Y usted, señor, que hace en Chile?”*. *“Soy profesor de la universidad católica”*, mostrando seu único documento decente. O general rasgou-se em loas: - *“Ustedes son buenos extranjeros y los queremos aqui siempre. Son terroristas y comunistas como los setenta brasileños que nos preocupan. Vayan com Diós”*.

Neste momento, me veio uma inspiração e disse em inglês para o general que temia que a nossa prisão equivocada se repetisse e pedi a ele um salvo-conduto que nos desse segurança. Estava pronto para ouvir uma negativa, mas o general acenou positivamente e logo colocou nossos nomes em três salvo-condutos e assinou-os, General Brady, comandante da guarnição de Santiago. Depois de muitos agradecimentos e salamaleques subimos os 22 andares de volta para o apartamento do Luiz Claudio, temerosos de encontrar com o capitão ensandecido. De fato, encontramos com ele, mas o soldadinho que nos tinha escoltado tinha assistido toda a cena com o general e a tinha relatado ao capitão. O dito cujo nos olhou com ódio, mas nos deixou passar resmungando ameaças que não registrei. O alívio foi enorme.

No final do dia aconteceu algo que ganhou os jornais e televisões de todo o mundo. Do alto da nossa Torre vimos uma pilha de livros e documentos ir crescendo ao longo do dia, bem no meio do pátio central, até ficar enorme. Ao anoitecer os soldados tocaram fogo naquele material e as chamas iluminaram o quadro dantesco dos soldados armados jogando mais livros no fogo, os jipes e tanques mais atrás e as cinzas subindo no vento da cordilheira. O fascismo se repete nas suas formas ao longo do tempo. Estávamos vivendo a nossa noite dos Cristais e éramos os novos judeus ou os velhos comunistas, os perseguidos de sempre.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 12

O HOMEM DA CRUZ VERMELHA INTERNACIONAL

Neste artigo não vou tratar de outros casos de entradas em embaixadas, mas mostrar o papel de um personagem importante na peleia para salvar os exilados no Chile e outro mostrando minha estratégia de segurança naqueles dias e um efeito imprevisível e extraordinário do meu disfarce. Finalmente, arremato esta vivência mostrando parte do que se passou depois da minha saída do Chile.

O homem da Cruz Vermelha Internacional (CICR, na sigla em francês)

Não guardei o nome do funcionário da CICR que chegou a Santiago em um dos primeiros aviões a pousar depois da reabertura do país ao exterior. Era um suíço com pinta de burocrata, sempre bem arrumado e formal, mas uma figura disposta a tudo para ajudar os perseguidos. Andava com um manual com a legislação internacional sobre os direitos dos presos e que citava a todo momento. Conseguiu licença para visitar os presos nos estádios de Chile e Nacional e vivia azucrinando as autoridades com inquéritos sobre desaparecidos. A Junta andava pisando em ovos para evitar mais conflitos com países estrangeiros, depois de duas freiras francesas serem mortas “por engano”. Havia pelo menos um americano desaparecido e que foi objeto de um filme memorável do Costa Gravas (“Desaparecido” ou, em inglês “Missing”). Este foi morto pelos militares, provavelmente com o conhecimento e aprovação dos agentes da CIA em Santiago. Outro americano foi preso em Valparaíso, mas foi solto e veio a morar no Brasil, onde está até hoje, trabalhando como intérprete (viajou com o Lula várias vezes durante seu primeiro governo). Houve outros incidentes com estrangeiros de países que tinham apoiado ou reconhecido a Junta, como a Suíça. O homem do CICR aproveitou esta situação de constrangimento do

regime para conseguir entrar nos campos de prisioneiros, negociando transferências para os abrigos que foi criando em Santiago e buscando informações sobre os desaparecidos.

Organizei um sistema de troca de dados permanente com o CICR. Todos os dias, durante a última semana que passei no Chile, encontrei com este funcionário em seu quarto no hotel Carrera, o Sheraton de Santiago, localizado bem ao lado do palácio La Moneda, arrasado pelos bombardeios, todo esburacado de tiros e canhões e cheirando a queimado dos incêndios. Às cinco da tarde, ele me esperava para uma rápida troca de papéis, nos quais cada um escrevia os dados que dispunha. Eram listas de nomes que trocavam de mãos, com ou sem respostas sobre a situação de cada um. Lembro em particular de dois companheiros que eu não conhecia, mas cujos nomes me faziam tremer pela sua sorte: Lenine Abdiel e Carol Stalin. No quadro de paranoia da milicada chilena, estes nomes deviam ser uma espécie de pano vermelho sacudido nos olhos de um touro. Saí do Chile sem saber o paradeiro deles e levei muito tempo para ter a informação de que tinham escapado, apesar de seus nomes chamativos para a fúria anticomunista que tomou conta do país.

Lá pela minha quarta ou quinta visita aconteceu uma previsível falha. Como o toque de recolher era às seis, minhas tratativas com o suíço terminavam, no máximo, às 5:30 e eu saía disparado

pelas escadarias do hotel e pela alameda O'Higgins, correndo como um maratonista até as Torres San Borja, uns dois quilômetros de distância. Neste dia eu me atrasei, discutindo a situação de companheiros que não estavam em Santiago e eram 5:45 quando comecei a minha corrida. A avenida estava quase deserta de transeuntes que, como eu, corriam em direção a algum abrigo. Os soldados começaram a dar tiros para o ar, divertindo-se a ver-nos acelerar a corrida, estimulados pelo medo. Mas não deu tempo e, quando soaram as seis da tarde (os sinos da catedral?), eu estava na esquina de uma transversal, ao lado do prédio da universidade católica, a uns duzentos metros das Torres. Olhando para um e outro lado da rua antes de atravessá-la, deparei com um jipe do exército com uma metralhadora ponto 50 montada a um quarteirão á minha direita e que disparou contra um grupo que cruzava a rua mais longe, à minha esquerda. Éramos três atrasados escondidos pelas paredes da universidade e esperando que o jipe se fosse ou que se voltasse para o outro lado. Não me lembro quantos minutos ficamos naquela angústia, mas a situação ficou mais arriscada pelo fato de que outro jipe estava subindo a avenida atrás de nós e logo nos alcançaria. Decidi arriscar e recuei uns 10 metros para ganhar velocidade e atravessei a rua, uns 30 metros de largura, acelerado pelo pavor de ser atingido. Eu sabia muito bem o efeito que podia ter uma só daquelas balas, pois tinha usado uma arma semelhante no meu tempo de serviço militar.

Se fosse atingido, ela arrancaria uma perna, braço ou cabeça e me lançaria ao solo pelo impacto. Não olhei para o jipe, mas ouvi a rajada longa que o filho da mãe disparou e senti o vento das balas passando, acho eu, pouco acima da minha cabeça. Segui correndo até a porta do prédio, onde estava morando e só olhei para trás depois de entrar. Não ouvi outras rajadas, mas também não vi se os meus companheiros de desgraça tinham atravessado ou tomado outro rumo. Subi para o 22º andar com o corpo tremendo do choque de adrenalina, ofegando e suando do medo e da corrida. A vida andava sempre por um fio, mesmo para um “imortal” como eu.

Na minha última visita ao homem do CICR, ele me deu um recado de brasileiros que ele tinha visto naquele dia no Estádio Nacional. - “Diga ao Jean que o Mike (um oficial do CENIMAR que tinha me interrogado na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro) andou por aqui perguntando por ele e mostrando uma foto para identificação”. O interesse da repressão brasileira pela minha pessoa, em pleno tumulto do golpe chileno, era um péssimo sinal. No mesmo dia, eu tinha recebido outro aviso, este dado pelo embaixador suíço. - “A embaixada recebeu uma queixa da Junta, sobre as atividades de um funcionário suíço que estaria facilitando a entrada de fugitivos em embaixadas. Você não está se fazendo passar por funcionário, está?”. “Claro que não”, foi a minha resposta, mas o recado estava dado e a minha cobertura estava exposta. Era hora de tirar o time e marquei a minha

passagem para Buenos Aires para o dia seguinte e pedi ao embaixador uma “escolta” oficial para poder embarcar com alguma proteção. No dia seguinte, ele me mandou o seu carro oficial, com bandeirinha suíça e tudo, e a companhia do cônsul. Ele ficou ao meu lado em todo o trâmite na polícia do aeroporto de Pudahuel e me levou até a porta do avião da Swissair. Tive melhor sorte do que o Serra, que fez o mesmo movimento com o cônsul da Itália, foi preso na porta do avião e levado para o Estádio Nacional. Ele conseguiu ser solto devido à confusão na triagem dos presos que chegavam aos magotes no Estádio e voltou para a embaixada, onde ficou por seis meses até ganhar um sofrido salvo conduto para viajar.

As “piranhas”

Minha maior dificuldade para montar a minha cobertura legal no Chile estava em como explicar que, sendo um turista, não tinha saído do país assim que foi reaberto o aeroporto, lá pelo final da primeira semana do golpe. A cobertura de falso funcionário ficaria precária com o tempo e eu busquei uma alternativa para não abusar. Eu tinha adotado um visual de mauricinho, começando a metamorfose já durante os três dias de *toque de queda* em que fiquei refugiado na casa do Amarílio. Raspei a barba e assim que pude fui a um barbeiro e cortei o cabelo bem curto. Mais tarde comprei um terno e uma pastinha daquelas chamadas de 007 para ficar com pinta de empresário. Mas o

mais importante foi a carta que pedi a amigos na Suíça, trazida por um jornalista que chegou pouco depois de reaberto o aeroporto. A carta, cheia de formalidades, me nomeava representante de uma empresa fictícia de compra e venda de antiguidades. Para dar mais veracidade ao meu papel de negociante, passei a comprar objetos raros que vendi, com perdas, a outros negociantes, antes de deixar o Chile. Como já contei em outro artigo, eu tinha conseguido uma boa grana trocando dólares no dia do golpe e retrocando-os dias depois. Desta forma, tinha como gastar para manter as aparências do meu “negócio”.

Em um destes antiquários, o proprietário, depois de me vender algumas peças caras, me perguntou se tinha interesse em outros negócios. - “Um suíço sempre se interessa por bons negócios”, disse eu, “mas não tenho mandato para outra coisa do que comprar antiguidades. Se for algo vantajoso posso entrar em contato com empresários que podem se interessar.” O sujeito aceitou estas limitações e me disse que tinha contatos com pessoas que poderiam oferecer negócios interessantes para todos e me convidou para jantar na sua casa e me apresentar o proponente. - “E como fazer com o *toque de queda*?”, perguntei. “Não se preocupe com isso, tenho como conseguir um salvo conduto”. Isto dito, aceitei o convite e fomos diretamente para uma casa espetacular em Providencia (Los Leones, eu acho), onde ele me apresentou a esposa e filha e ficamos tomando

pisco Sauer e comendo entradinhas à espera do empresário. Até hoje me pergunto por que me meti nesta situação. Acho que fui me enredando na minha falsa identidade e com medo de atrair desconfianças se eu recusasse o convite.

Lá pelas 8 horas da noite, soou uma buzina no portão do casarão e quando ele foi aberto entrou um jipe do exército com um oficial e três soldados bem armados. Como se dizia em passado remoto, a alma caiu-me aos pés. Idiota, pensei, caí em uma arapuca ridiculamente! O meu anfitrião e a esposa foram receber o recém-chegado com muita festa e logo ele me foi apresentado como um coronel (esqueço o nome). Entendi que era irmão da dona da casa e ele me cumprimentou afavelmente. Respirei fundo e ganhei confiança no meu papel de empresário, cheirando um bom negócio.

O jantar foi dos melhores que comi no Chile naqueles tempos, com vinhos que nunca tinha ouvido falar e que davam surras nos Tarapacás que eu costumava consumir. Com taças de bom conhaque e charutos (“a única coisa boa cubana que existe”, disse o coronel) nas mãos, a conversa começou. Vou resumir a proposta e juro que não exagero nada, embora mais de uma pessoa a quem contei esta doideira me tenha acusado de inventar o caso. Aceito que parece incrível, mas logo verão que não foi um caso raro no Chile pós golpe.

O coronel me disse que estava trabalhando em uma unidade do governo da Junta que estava privatizando (ou reprivatizando) empresas que tinham sido nacionalizadas pelo governo Allende. Havia uma decisão de não devolver as propriedades para os empresários que tinham abandonado o país depois de expropriados. E os ativos estavam sendo avaliados para venda a empresários interessados. Ele tinha um portfólio de indústrias de médio porte para privatizar e buscava compradores. Mas havia um senão: ele garantia preços muito favoráveis, desde que o comprador aceitasse um acordo “de gaveta” no qual ele mesmo entraria como sócio oculto. Mostrou-me uma pasta com dados sobre uma indústria metalúrgica que produzia latas (*tarros* em chilenês) de vários tipos e tamanhos para o setor de alimentos. Aparentemente era um negócio da china e quase caí da cadeira quando ele me disse o valor a desembolsar. Era ridículo! Se bem me lembro, não chegava a cem mil dólares. Fingi grande excitação pela oportunidade, fiquei com uma cópia do dossiê e disse que ia entrar em contato com empresários suíços com a oferta. Ia levar algum tempo, é claro, mas o coronel não se incomodou e fiquei de manter contato através do antiquário. Como sinal de boa vontade, ele me deu um salvo conduto para circular durante o toque de recolher e, só esta preciosidade, já justificou a papagaiada.

Levei este contato em banho-maria, visitando o antiquário em sua loja de vez em quando, até que dei o fora sem maiores explicações.

Três anos depois, quando fazia mestrado na Sorbonne, conheci um chileno exilado cuja tese se intitulava: *“Las pirañas: la nueva burguesía militar chilena”*, ou algo parecido. Assisti a defesa de tese e conversei bastante com ele em Paris e fiquei sabendo que aquilo que eu tinha assistido em Santiago era o começo de um processo amplo em que oficiais encarregados da privatização se locupletaram em sociedade com investidores, atraindo-os com preços ridículos para os bens comprados. Soube depois que até o Café Haiti, de propriedade da Caixinha de Solidariedade dos exilados brasileiros, fez parte destas negociatas. O Ferreira, depois do afastamento de Pinochet, tentou recuperar a posse do próspero estabelecimento, mas sem sucesso. Me pergunto quem terá adquirido a indústria que me foi ofertada e o que aconteceu com ela desde então.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 13

BUENOS AIRES

Cheguei à Buenos Aires em outubro, dias depois do regresso de Perón e do massacre de Ezeiza. A imensa multidão de peronistas de todos os tipos que foi receber o caudilho foi brutalmente sacudida por uma queda de braço entre a direita peronista e os Montoneros, com os primeiros disparando contra os segundos, matando dezenas de pessoas e ferindo centenas de outras. Embora o clima político ainda fosse de grande efervescência, o recado de Perón foi claro, ao justificar seus apoiadores à direita e acusar os Montoneros de montar uma provocação.

Eu estava firmemente decidido a ficar morando na Argentina, onde a família da minha avó paterna era parte da aristocracia local. O nome altissonante era misto de espanhol e inglês:

Saavedra Woodgate Mills. O patriarca morava em Belgrano em um casarão que ocupava todo um quarteirão, com jardim, piscina, quadra de tênis e cavalariças. Não precisava de nenhum oráculo de Delfos para adivinhar que se tratavam de reacionários empedernidos e não me dei ao trabalho de procurá-los.

Aceitei o convite para morar no apartamento de um professor da universidade, militante da esquerda peronista (não era Montonero), uma facção marxista do populismo argentino. Eu tinha conhecido o Pepe Nun em um seminário na Universidade de Toronto, onde ele era professor visitante três meses por ano. Ficamos amigos depois que eu o ajudei a resolver um complicadíssimo problema com um foragido americano, militante contra a guerra do Vietnã e que ele protegia, mas a história é longa e eu conto em outra ocasião.

Pepe dirigia uma revista política da sua facção e me empregou para escrever sobre o Brasil. Não era muito, mas as minhas necessidades eram módicas e ele morava muito bem, na rua lateral do Jardim Zoológico, em frente ao cercado dos fedidos bois almiscarados.

Enquanto ia levando esta nova vida de jornalista, soube que a primeira leva de refugiados da embaixada argentina em Santiago tinha chegado em Buenos Aires, mas todos iam partir para a

Europa, apoiados pela ACNUR, Agência das Nações Unidas para Refugiados. Fui vê-los em um abrigo onde estavam dormindo em camas de campanha e em quartos coletivos. Lembro de uma difícil conversa com a Vera Silvia, que estava em uma depressão preocupante e que se foi, em dois dias, para a Suécia, se não me engano.

Mais uma vez fui procurar a embaixada da Suíça para negociar refúgio para os compas brasileiros, mas o embaixador e um seu assecla que me receberam foram ainda mais azedos que seus colegas no Chile. Aguentei umas quantas provocações sem dar o troco e me despedi pensando que só muita pressão da opinião pública suíça mudaria esta política, o que de fato aconteceu, mas a conta gotas.

A segunda leva de refugiados do Chile foi levada para um hotel em Empedrado, um local à beira do rio Paraná muito frequentado por pescadores esportivos endinheirados, na província de Corrientes. Era longe pacas e só era viável de avião. Não tinha planos nem necessidade de ir até lá e os contatos com a esquerda argentina me informavam que todos os refugiados viriam em breve para Buenos Aires, mas surgiu uma demanda inusitada. Chegou a Buenos Ayres o Tocha, compa do MR8 e um dos 70, vindo da Suécia com passagem no Panamá. Ele trazia uma boa grana (não me lembro quanto) recolhida no público e partidos suecos em um movimento de solidariedade com os

fugidos do Chile. Não sei o que foi fazer no Panamá, mas ele se apresentava como um embaixador dos exilados brasileiros e me disse que foi recebido pelo próprio presidente Torrijos. Para assumir seu novo papel, ele também se vestiu à caráter, com roupas formais, mas sendo mais maluco do que eu, elas eram para lá de exóticas e ele parecia (como ele mesmo me disse) um bicheiro rico, com direito a colar de ouro (falso) e tudo. Custei a entender por que insistiu para eu levar o dinheiro para entregar aos refugiados em Empedrado, mas aceitei porque ele pagaria a minha passagem de avião e eu queria rever os amigos e amigas que estiveram na embaixada. Desconfiei que era uma roubada quando perguntei qual o critério de distribuição do dinheiro e ele me deu carta branca para decidir. Era uma óbvia complicação pois, como diz a música do Paulinho da Viola, “dinheiro na mão é vendaval”.

Fui assim mesmo, mas não anunciei aos quatro ventos o que fui fazer lá. Consultei, se bem me lembro, o Gabeira e o Liszt sobre como distribuir alguns milhares de dólares entre uns 300 exilados chilenos, brasileiros, uruguaios, peruanos, bolivianos e colombianos. Acabamos por decidir procurar os dirigentes políticos de cada nacionalidade, o que colocava outra complicação. Havia chilenos do PS, do PC e do MAPU (o MIR tinha dado ordens para nenhum militante se exilar). Os brasileiros eram ainda mais fragmentados, com a maioria tendo deixado seus partidos de origem. O mesmo se dava com as

outras nacionalidades, mas eram muito menos numerosos. Fizemos um rateio pelo número de membros de cada comunidade e a distribuição interna foi acertada dentro de cada grupo. Não podia deixar de gerar insatisfações e desconfianças. Como o dinheiro tinha sido arrecadado por um brasileiro e trazido por outro, pairaram desconfianças de que teríamos privilegiado os nossos compatriotas. Fui abordado por chilenos que reivindicavam mais recursos para os seus, pois achavam que a comunidade brasileira era “rica”. De fato, alguns dos nossos tinham bem mais recursos do que a média, mas era impossível sair perguntando a renda familiar de cada um para ratear a distribuição. O rateio interno entre os brasileiros não foi por igual e os mais bem aquinhoados receberam menos que os mais ferrados, sendo que alguns declinaram a ajuda. Mas eu não me meti nesta parte que deixei por conta dos interessados.

Foi nesta visita a Empedrado que conheci a Sandra, o Joca e a Flávia, os três que tinham entrado na embaixada quando para lá levei o Gabeira, Vera Silvia e Serjoca. A Sandra era de uma beleza de tirar o fôlego, mas não me deu pelota. O Joca perturbava todas as reuniões do grupo brasileiro (tinha 4 anos e era para lá de irrequieto). A Flávia (nove anos) era uma pré-adolescente precocemente amadurecida e bem-comportada. Não podia prever que os três iriam fazer parte do resto da minha vida, pois só comecei a minha relação com a Sandra na noite de ano novo, no Viejo Almacén, em uma celebração do grupo de brasileiros

que tinha se transferido para Buenos Ayres um mês mais tarde da minha visita a Empedrado. Foi uma radical mudança no meu comportamento de solteiro (leia-se: solto na buraqueira), adotando uma família inteira de uma só vez.

Daqui para frente a história já não tem a ver com o Chile e não cabe relatar aqui. Tentei ficar morando na Argentina, mas o sequestro dos irmãos Carvalho, a virada à direita do governo Perón, a ascensão da triple A e a radicalização dos grupos armados da esquerda argentina me convenceram de que era hora de voltar para a França, volta essa que foi toda uma outra epopeia em uma longa viagem por terra cruzando a América Latina.

Si vas para Chile

Jean Marc
von der Weid



CAPÍTULO 14

AS MARCAS DE UMA EXTRAORDINÁRIA EXPERIÊNCIA DE VIDA E DE MILITÂNCIA

Aquele curto período, ou períodos, vividos no Chile, entre janeiro de 1971 e outubro de 1973, foram dos mais intensos e ricos de toda a minha vida. Embora nunca tenha vivido no Chile mais do que 40 dias seguidos, em um total de uns 140 divididos em 4 estadias, o aprendizado político foi imenso. Foi imenso

também o processo de autoconhecimento e inesquecíveis as amizades e amores que se prolongaram até hoje.

Nascido no imediato pós-guerra e no início de um dos mais longos períodos de regime democrático no Brasil, eu vivi, até os 18 anos, em uma bolha de classe média alta, sem muito contato com a realidade sofrida do nosso povo, influenciado por uma família católica (mas não carola), liberal nos costumes e conservadora em política. Com um bisavô prefeito do Rio de Janeiro e um avô deputado federal, fui mergulhado em um caldo de cultura tipicamente udenista, mas não particularmente anticomunista. Por outro lado, fui criado no sentimento antimilitar e antiditatorial, herdado do meu avô, cassado em 1937 e conspirador antigetulista permanente.

Fui conhecer a política ativa no movimento secundarista, em 1962, arrastado na dinâmica da recém fundada Ação Popular, mas sem saber nada deste partido até 1966. A fervura política do governo Jango, com o ascenso dos movimentos de massas operário, camponês, estudantil e militar, passou-me ao largo no ano de 1963, em que mergulhei fundo na preparação para o vestibular e estudava 10 horas por dia. Saí desta clausura com a última prova para a faculdade de química da Universidade do Brasil (hoje UFRJ) em fins de fevereiro, para descobrir um país em convulsão final, caminhando para o golpe de 1º de abril.

Apesar do apoio de grande parte da minha família e de meus amigos ao golpe, eu me decepcionei muito rapidamente com a “nova ordem”, talvez pela posição do meu avô, expressa em um almoço no dia 3 (se bem me lembro), quando ele fustigou seus filhos, genro e nora com uma frase retumbante e furiosa: - “Cretinos! Eles vão ficar 20 anos nas nossas costas”. Em 1965, participei da campanha do candidato do PSB ao governo da Guanabara, Aurélio Viana (apoiado pela AP, mas eu não sabia disso), mas foi somente em 1966, no segundo semestre, que eu me meti no movimento universitário que denunciava o regime ditatorial em manifestações de rua e com a ocupação da faculdade de medicina. Daí para frente, fui me envolvendo intensamente e assumindo uma liderança na minha faculdade que me levou à presidência do Diretório Acadêmico em agosto de 1967. Este passo foi algo que, nem eu nem ninguém que me conhecia, poderia prever, já que eu era uma pessoa tímida, com uma vozinha rouca e sem maiores predicados para líder de massas. Era um bom orador de assembleias e péssimo nas ruas. Mas mostrei um pendor inesperado para o chamado trabalho de base, discutindo incansavelmente com colegas de qualquer posição política, saindo da bolha da esquerda na faculdade para ser respeitado até pela direita. Tinha um outro predicado que nunca perdi: nunca fui de aceitar uma posição sem discutir e aprofundar os prós e contras, numa fase em que a esquerda se marcava muito por discursos dogmáticos, simplistas e sectários.

Eu pesquisava as posições que assumia e isto me levou, por exemplo, a estudar a proposta de reforma universitária da ditadura e a escrever, talvez, o único texto bem embasado do movimento estudantil, condenando o Acordo MEC/USAID, a cobrança de anuidades e a proposta de privatização do ensino superior. Daí para a presidência da UNE foi um salto imprevisível e improvável, que ocorreu sem contar, inicialmente, sequer com o apoio da AP, e até com minhas próprias intenções.

Mas o movimento de massas em que eu me formei, embora amplo e radicalizado, ocorreu em um vácuo da ação das chamadas classes fundamentais, operária e camponesa, submetidas à uma repressão muito mais dura do que a que nos atingiu na universidade. Não tive a formação teórica que os militantes dos partidos marxistas sempre proporcionaram aos seus quadros. Fui lendo textos de Lenin e Mao meio aos trancos e barrancos, sem que a intensidade da minha participação na luta política me desse muito tempo para discutir e digerir os clássicos. Atuava mais por instinto do que por teoria e talvez isto tenha sido positivo, já que os que eram mais formados tendiam (a meu ver) para um dogmatismo para mim inaceitável. Só fui estudar Marx, Engels, Lenin, Mao, Trotsky e Stalin já no exílio na França e me preocupei sempre de tentar ler a teoria no contexto histórico em que foi formulada.

O Chile representou, apesar do meu contato apenas intermitente com aquele riquíssimo processo, uma escola política excepcional. Os movimentos de massas operário e camponês eram vivíssimos e intensos e as aulas práticas sobre os processos de participação fascinantes. Até a derrota desta luta gigante foi importante na minha formação, com todo o debate sobre as formas de tomada do poder pelas massas e as opções que se abriam no enfrentamento das forças da burguesia e do imperialismo.

O Chile também foi o lugar em que fiz opções radicais pelo que representavam de risco de vida. Desde logo devo explicar que nunca fui do tipo considerado vulgarmente como “bravo”. Não era brigão e, sempre que possível, evitava enfrentamentos. Desde garoto tinha dificuldades em machucar os outros. Nas brigas em que eventualmente tive que me meter, eu tentava dominar o adversário sem feri-lo, embora nem sempre isto fosse possível e o sentido de autopreservação acabasse prevalecendo. A violência me assustava, mas sempre fazia esforços para não agir dominado pelo medo, fazendo com que muitas vezes as pessoas me achassem corajoso por ter enfrentado algum perigo. Tinha outros medos, como o de altura e procurei dominá-lo, tornando-me alpinista. Tinha medo ou vergonha de falar em público e por muito tempo eu corava como um adolescente ao tomar a palavra. Tinha pavor de ser rejeitado pelas garotas, mas fui fingindo que era galã para disfarçar. A palavra definidora

talvez seja timidez. Não passei a vida fugindo do que temia, mas tive que fazer um exercício permanente para enfrentar os temores.

No Chile, ao decidir não partir no primeiro avião em Pudahuel reaberto, aceitei a tensão de ter que dominar o medo dos riscos que estava correndo. Tomei todas as precauções possíveis para minimizá-los, mas sabia que estava em uma corda bamba e que qualquer derrapagem me levaria para um fim provavelmente medonho. Ganhei fama de ter um sangue frio e autocontrole notáveis, mas só eu sei o quanto as tripas doíam em contrações furiosas, com os instintos dizendo para correr e a razão dizendo para ficar.

E porque fiquei, afinal de contas? Na verdade, não obedeci a nenhum projeto pensado e avaliado. No primeiro momento, apenas procurei ajudar os amigos mais próximos (Luiz, Mari, Duarte, Negão, Reinaldo, Marcão, Gabeira, Vera Silvia, Serjoca). Mas resolvidos estes casos outros foram aparecendo naturalmente e eu não podia simplesmente virar as costas para conhecidos ou desconhecidos, companheiros e companheiras, em situação de risco, quando eu tinha condições de ajudar.

Por outro lado, fui sendo tomado por um sentimento de enorme revolta contra os facínoras golpistas e a onda de ódio que eles derramaram sobre o povo chileno e sobre a comunidade de

exilados que tinham encontrado no país “*de asilo contra la opresión*” uma nova pátria. O hino do Chile tem outra frase que, profeticamente, se apresenta como alternativa: “*la tumba de los libres*”, e foi esta consigna a que prevaleceu com o golpe. Quixotesicamente, reconheço, a alegria de salvar meus compatriotas se somou ao prazer de tirar uma vítima das mãos dos filhos da puta no poder. Era uma guerra particular e tive dificuldades em aceitar o momento em que os riscos passaram a ser muito mais explícitos, recomendando uma retirada. Adiei várias vezes a partida até que os sinais de perigo foram ficando mais fortes. Por outro lado, podia respirar fundo porque tinha conseguido criar uma mini máquina organizada para seguir travando esta luta. Neste final de combate, os resgatados eram, cada vez mais, camaradas latino-americanos, sobretudo chilenos, e desconhecidos. Esta impessoalidade talvez tenha sido um fator que permitiu a partida para Buenos Aires sem remorsos por deixar compas para trás.

Termino estas memórias dos dias dramáticos, mas também gloriosos, em que eu me arrisquei por amigos e por desconhecidos, enfrentando uma das mais odiosas ditaduras que infestaram o nosso sofrido continente. É uma prestação de contas para mim mesmo e fico feliz por tê-la feito.

Viva Chile, mierda!

Si vas para Chile

Jean Marc von der Weid



*Jean, no dia da
libertação da
primeira prisão.
Julho de 1968.*



*Ao chegarmos no
aeroporto de
Santiago, Chile.*



*Da esquerda para direita: Takao Amano,
Marco Antônio Maranhão (Marcão),
René de Carvalho, Elinor Brito,
Derli de Carvalho, (?),
Ubiratã, Washington, (?)*

Si vas para Chile

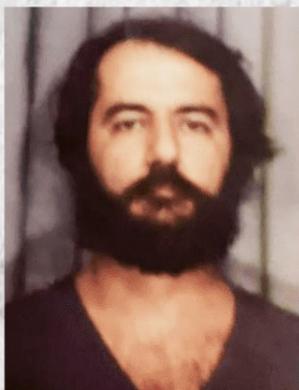
Jean Marc von der Weid



Passaporte de Jean Marc.



*No Chile,
1972.*



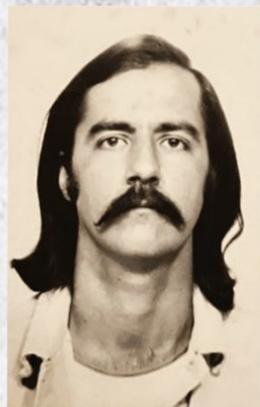
*Logo após o
golpe, 1973.*

Si vas para Chile

Jean Marc von der Weid



*"Homem de negócios
suíço", no Chile
do golpe.*



*Na Argentina,
1973.*



Jean em Paris, 1975.



Jean Marc von der Weid

Jean Marc Frédéric Charles von der Weid é economista, ambientalista e jornalista. Presidiu a União Nacional dos Estudantes - UNE entre 1969 e 1971. Atuou na fundação da ONG Agricultura Familiar e Agronecologia (AS-PTA) em 1983. Foi membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável - CONDRF (MDA) entre 2004 e 2016.

É militante em diferentes movimentos, entre eles o Geração 68 - Sempre na Luta.

